

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E





Obras de Capa Carlos Farinha

Pico - Açores

p/ 06 e 07.

Obras de Capa. Viagem até aos Açores
O 10 de junho

p/ 12.

Grande Entrevista
Aline Gallasch-Hall de Beuvink

p/ 30.

Conselho das Comunidades Portuguesas
As Comissões temáticas do CCP

N E S T A E D I C Ā O

p/ 38.

Artes e Artistas Lusos. Tiago Fernandes
Por Terry Costa

p/ 44.

Ambiente. Quanto vale a região do Barroso?
Por Vítor Afonso

p/ 54.

Com lupa cá dentro: Matosinhos, terra de horizonte e mar
Por Fatinha Pinheiro

Obra de capa

Título: Silence... Respire

Dimensões: 49 x 33

Técnica: Mista sobre drop paper

Autora: Sónia Aniceto

O lugar do corpo

De que fios são tecidos um corpo e uma alma?

O que é o corpo e o lugar do corpo?

Este constante desfasamento e reencontro entre o tangível e o não palpável.

A substância e o etéreo.

Na memória do tempo esbatem-se ressuscitam-se cores pensadas perdidas.

Um constante estar, pasmar, querer escapar e portanto também ficar nesta estranheza de estar vivo.

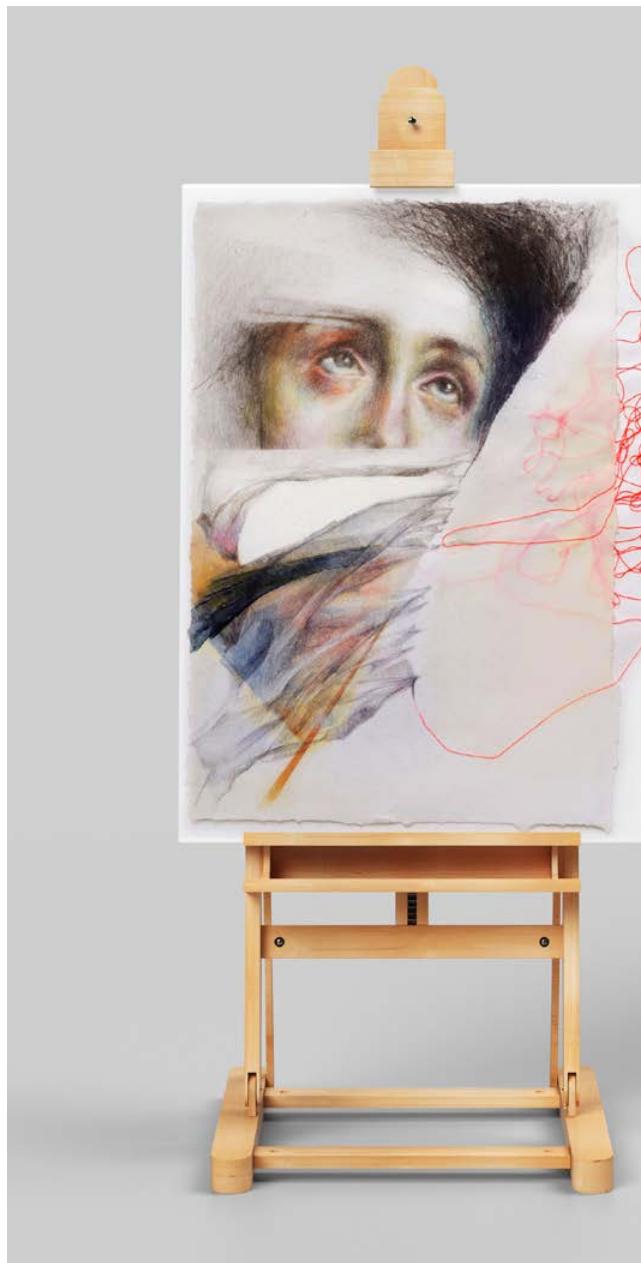
Corpo menina/mulher com a leveza e o peso da própria existência.

Na boca dos olhos : Voar.

A âncora dos dias.

Sofia Cecílio

obrasdecapa@obrasdecapa.pt



F T

Directora Fátima Magalhães | **Directora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** António Manuel Monteiro, Cristina Passas, Diana Correia, Fátima Pinheiro, Flávio Alves Martins, João Costa, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sílvia Faria de Bastos, Tiago Robalo, Vítor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E : publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios

nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º nº2, i) e j), artigo 75º nº2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreses, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 18, junho 2022 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

“De que fios são tecidos um corpo e uma alma?”, escreve Sofia Cecílio a respeito da inquieta obra “Silence... Respire” de Sónia Aniceto, que nos faz refletir sobre quem somos.

Nem de propósito. As Obras de Capa estão em destaque este mês, com uma nova viagem até aos Açores. Desta feita o artista plástico Carlos Farinha chega ao Pico, pela iniciativa e criatividade insuperáveis de Terry Costa e o seu “Azores Fringe Festival”.

Obrigada Terry!

Philippe Fernandes, Presidente da AILD, realça a importância do 10 de junho, sobretudo para as Comunidades Portuguesas (não se deve chamar a estes portugueses – que são tanto portugueses como os que vivem em Portugal – de povo expulso e exilado, vulgo diáspora), e do facto de a delegação do Reino Unido participar nas cerimónias oficiais desse dia. Fique a conhecer quem é a responsável pela área jurídica da AILD, a simpática advogada Cláudia Branco. Aline Gallasch-Hall de Beuvink, professora universitária, ex-deputada municipal em Lisboa, figura querida da comunidade ucraniana em Portugal, vem falar-nos da guerra, mas não só. Não perca a leitura. No espaço dedicado às migrações, falamos da importância de quem nos ajuda e bem nos recebe quando a decisão de emigrar já foi tomada e chegamos com as nossas malas a outro país. Fernando Topa, Conselheiro das Comunidades Portuguesas explica-nos o que são as chamadas Comissões Temáticas e os principais temas debatidos nos passados dias 2 e 3 de maio em Lisboa, no Palácio das Necessidades. Na senda da divulgação

dos Órgãos de Comunicação Social de língua portuguesa fomos até à América do Sul, e trouxemos o jornal Correio da Venezuela. Tiago Fernandes é o um talentoso ator, nascido em França, que celebra este ano 20 anos de carreira e está em destaque na revista deste mês. No caminho da defesa do ambiente, Vítor Afonso descreve-nos como tão bem ele sabe fazer, a região do Barroso, o seu valor histórico, cultural e patrimonial, e da necessidade de os preservar e potenciar. Cesário Verde é o poeta de junho que nos brinda com um amor feliz. A importância da saúde mental para a pessoa com diabetes é um excelente artigo de Ana Lúcia Covinhas – Coordenadora do Departamento de Psicologia da apdp-diabetes portugal – que não pode deixar de ler. A lente deste mês foi entregue a Paulo Calafate que segundo a autora do texto, Leocádia Dias, “Faz-nos viajar aquém e além-fronteiras”. Cá dentro vamos até às praias de Matosinhos, mas não só. Descubra que outros caminhos percorremos. Lá fora terminamos a viagem a Berlim, “a cidade que procura virar a página”. Quantas vezes criticou as legendas na televisão ou cinema? Eu pessoalmente inúmeras vezes, mas confesso que fiquei muito surpreendida depois de ler este artigo, e penso que daqui para a frente, vou pensar duas vezes antes de criticar. Rogério Ferreira explica como se processam as aquisições imobiliárias através de Criptomoedas, já Philippe Fernandes aborda a importância da Blockchain. A todos os portugueses e lusodescendentes desejo um excelente 10 de Junho e boas férias se for caso disso. Voltamo-nos a encontrar em Julho. Até lá.



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

| AILD

Obras de Capa Viagem até aos Açores

A AILD – Associação Internacional dos Lusodescendentes mantém uma parceria e estreita relação de trabalho com a revista Descendências Magazine, que desde a sua primeira edição, não tem capa, mas sim obras de capa, ou seja, em cada edição, a capa da revista é uma obra de arte de um artista, mas não um artista qualquer – um artista com ligação às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo.

As primeiras “Obras de Capa”, foram protagonizadas pelo artista plástico Carlos Farinha, um artista de mão cheia e uma pessoa extraordinária, que neste mês de junho irá ver as suas obras expostas num local especial, nos Açores.

Carlos Farinha irá estar na MiratecArts, na ilha do Pico, nos Açores, através do nosso querido amigo Terry Costa, um açoriano muito especial. TERRY COSTA, nasceu em Oakville, Canadá, é licenciado em Teatro na Universidade de Toronto, percorreu a América do Norte como ator, encenador e

produtor de espetáculos. Mas em 2011 decidiu viver na terra dos seus pais, ilha do Pico, Açores.

Foi desde então que iniciou um percurso profissional e cultural extraordinário, tendo fundado a MiratecArts, entidade cultural que apresenta festivais internacionais, nomeadamente, Azores Fringe, Cordas, World Music Festival, AnimaPIX o Montanha Pico Festival, Galeria Costa, entre outros projetos, que acolhe artistas para se inspirarem no meio do Oceano Atlântico e criar arte.

Mesmo com todas estas dinâmicas e toda esta intensidade, continua também a dedicar-se ao movimento associativo, o que já acontecia no Canadá, e quis o destino que esta pessoa apaixonada pela cultura, pelo espetáculo, pela arte, pela música, conhecesse a AILD e se tornasse não só associado, mas também o Diretor Geral do Conselho Cultural da AILD.

E foi através desta feliz envolvência, que Terry Costa tornou possível levar até

à ilha do Pico, nos Açores, as obras de arte, as “Obras de Capa” do artista plástico Carlos Farinha, cujo seu trabalho abrange desde a pintura, escultura e performance arte, tendo ganho inúmeros prémios nacionais e internacionais.

Destaco um momento onde tive o prazer de estar presente, cujo artista Carlos Farinha, em 2014 pintou durante três dias no Consulado Geral de Portugal em Macau um quadro que depois foi oferecido ao Cônsul Geral de Portugal em Macau na altura, agora Embaixador Vítor Sereno, cuja obra de arte está na Residência oficial do Cônsul Geral de Portugal em Macau.

A itinerância do projeto “Obras de Capa” teve o seu início no espaço do Instituto Camões I.P., onde todos os anos acolherá um novo artista, e que depois, irão percorrendo o mundo e as nossas comunidades espalhadas pelo mundo.

Neste momento irão voar até aos Açores, em julho irão voar atésurpresa! Obrigado, Terry Costa!

O 10 de junho é a data mais importante do calendário português e é uma data que foi ganhando múltiplas dimensões ao longo da história de Portugal.

No 10 de Junho comemora-se o dia de Portugal, do Anjo da Guarda de Portugal, de Camões, das Comunidades Portuguesas, da Língua Portuguesa, dos cidadãos e das Forças Armadas.

O dia 10 junho remete-nos para a memória da Batalha de Ourique e para outras realidades que nos identificam enquanto portugueses.

Não há português que não encontre um motivo para

se associar à festa do 10 de junho. Tanto festejam os monárquicos como os republicanos, os crentes e não crentes, os portugueses continentais e das ilhas, os portugueses de cá e os de lá.

Esta data é tão rica que não será surpresa ver outros povos associarem-se a esta data, nem que seja para comemorar o dia da Língua Portuguesa, há sempre lugar para um que se queira juntar à festa.

O 10 junho tem portanto a capacidade de juntar pessoas complementarmente diversas.

A AILD pretende incorporar a característica desta

AILD
10 de Junho

data, ajudando a fortalecer os laços das comunidades portuguesas, entre as comunidades portuguesas e entre estas e Portugal, levando os lusodescendentes a serem membros ativos das suas comunidades e a cultivarem a sua ligação com Portugal, pois a maior riqueza de Portugal é sem dúvida as suas gentes.

A AILD como associação portuguesa procura também fortalecer os laços com os povos que partilham connosco a língua de Camões e outros que se identificam com a maneira de ser português.

Não há dúvida que uma festa é mais festa quando podemos beneficiar da música destas diferentes co-

munidades, dos diferentes manjares característicos de cada uma delas, da sonoridade das diferentes maneiras de usar a língua portuguesa.

Este ano calha à cidade de Braga ser a sede das comemorações do 10 de junho, associando-se também as comunidades portuguesas do Reino Unido as cerimónias oficiais deste dia.

A AILD terá o grande prazer de se juntar as comemorações em Portugal e no Reino Unido através da sua delegação aí existente que tem desenvolvido ações notáveis na promoção da Língua e Cultura portuguesa.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

| AILD

Cláudia Branco

Idade: 32

País de nascimento:

Portugal

Cidade onde reside:

Porto



Nascida em Lisboa em 1990, no seio de uma família pequena e maioritariamente masculina, muito protetora e cuidadora, mas que sempre a estimulou a ser livre, a ter opiniões próprias, a cativar um grande sentido de responsabilidade pelos outros, à sua independência e autoconhecimento. Após o secundário decidiu ir para a Faculdade de Direito de Lisboa, algo que mudou a sua “vida”. Após terminada a vida académica, trabalhou em dois escritórios até que a empresa para a qual trabalha atualmente a convidou para morar no Porto para gerir o escritório. De malas e bagagens mudou-se para a cidade Invicta, que a acolheu para continuar a sua jornada.



O que a levou a escolher o Direito como formação?

Tenho uma característica inata em mim, a sensibilidade. Inicialmente, quando em pequena, o meu sonho era ser Zoóloga, porque sempre adorei animais e sempre tive a ideia de socorrer os mais indefesos. Após os sonhos de criança estabilizarem ou até desaparecerem, comecei a perceber que tal como a minha família me tinha protegido, era altura de começar a proteger e a defender os outros, e assim sendo, achei que o Direito era a área que melhor se adequava para mim, para este meu propósito. Dentro da área do Direito, existem inúmeras profissões e áreas jurídicas, mas só a advocacia me completava, pois sempre ouvi dizer o “Advogado nunca desiste”.

Uma das áreas em que trabalha é a assessoria migratória. Deve ser uma satisfação muito grande poder contribuir para o futuro de pessoas que se pretendem instalar seja em Portugal ou num outro país.

Mais uma vez a característica da sensibilidade influenciou na hora de escolher qual a minha área de exercício. O direito migratório é, para mim, uma das áreas mais louváveis, das quais se pode exercer, devido ao agradecimento eterno que recebemos dos nossos clientes.

Como é uma área que decide o futuro da vida das pessoas, é uma área mais intensa, mais inquietante, mais extenuante, mas no final é também a mais humana. Um agente migratório tem de perceber que as pessoas deixam o seu futuro nas nossas mãos e que isso é uma grande responsabilidade, não só jurídica, mas também humana.



Certamente que ao longo deste tempo todo, com os inúmeros processos que já tratou, teve alguns episódios curiosos ou engraçados que nos possa contar.

Tenho imensos episódios engraçados, mas os mais habituais são as pessoas que ajudo se esquecerem dos documentos para os processos de autorização de residência ou então dizerem que eu sou mais exigente que os órgãos do Governo português.

Quais são as principais dificuldades no processo de autorização de residência ou de obtenção de nacionalidade em Portugal?

Na minha opinião, as maiores dificuldades no processo de autorização de residência são as competências de fiscalização e de inspeção serem condensadas num só órgão de polícia criminal e, outro fator importante que dificulta estes processos, é a grande burocratização que envenena toda a administração pública portuguesa.

Para além disso, cumpre destacar que a Administração

Pública Portuguesa possui ainda um grande poder discricionário aplicando regras nas suas instituições diplomáticas representativas no Brasil, completamente diferentes às regras das suas instituições diplomáticas representativas na Guiné-Bissau, por exemplo.

Quanto aos processos de nacionalidade, as principais dificuldades é a demora no processo de decisão e a não abertura de concursos para o Instituto de Registos e Notariado, na medida em que atualmente existem muitos pedidos de nacionalidade face ao número de Conservadores que dão andamento e decidem os processos de nacionalidade.

Que sugestões deixaria para que os processos fossem mais céleres, mas mantendo o nível de segurança e rigor que estes tipos de processos exigem?

Relativamente a esta questão, tinha muito para dizer, mas sucintamente posso dizer que deveria existir uma alteração sobre a dinâmica processual, passando serem mais informáticos e havendo coordenação com troca de informação dos cidadãos entre os ministérios.



É a responsável pela área legal da AILD. O que a levou a juntar-se a esta associação?

Adoro abraçar novos desafios que se encontram dentro do escopo da minha área. Neste caso em concreto como já ajudava os migrantes a virem para Portugal senti que também podia auxiliar os meus compatriotas emigrantes nos processos burocráticos para com o seu país de origem. É algo que me transmite grande satisfação e sentido patriótico.

Para além disso, apesar de ser oriunda da Capital (local onde existe menos emigração) sempre tive contacto com emigrantes no querido mês de agosto na aldeia do meu avô, o que contribuiu ainda mais para que me juntasse a este projeto.

Qual é a sua opinião sobre a rede internacional que a associação está a criar?

A minha opinião só poderá ser positiva. Os lusodescendentes estão espalhados por todo o mundo, então teremos sempre que expandir a AILD para os locais onde existem uma maior comunidade, pois quanto maior for a rede internacional, mais efeitos positivos irá proporcionar a todos os lusodescendentes.

Uma mensagem para as Comunidades lusófonas.

Estamos a retornar a uma época de normalização da sociedade e espero que este ano as pessoas da comunidade lusófona visitem Portugal e que estejam novamente connosco neste pedaço de céu que é Portugal.



GRANDE ENTREVISTA

PROFESSORA UNIVERSITÁRIA

ALINE DE BEUVINK



Aline Gallasch-Hall de Beuvink nasceu no Brasil, mas cedo se mudou para Portugal. Foi aqui que cresceu, estudou e se Doutorou em História pela Universidade de Évora, tendo feito o Mestrado e a Licenciatura nas áreas de História e Cultura Pré-Clássica e História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No plano político, é ex-deputada municipal em Lisboa e vice-presidente do Partido Popular Monárquico. Filha de Amílcar Gonçalves Hall e de Ludmilla Gallasch Hall, Aline Gallasch-Hall de Beuvink tem, orgulhosamente, ascendência ucraniana pelo lado materno. Hoje é, à semelhança de sua mãe, uma figura querida na comunidade ucraniana em Portugal, ativa na solidariedade a todos os ucranianos que encontram refúgio no nosso país. Fique a conhecê-la um pouco melhor nesta edição da Descendências Magazine.



© Tiago Araújo

Filha de um militar português de origem britânica, Amílcar Gonçalves Hall, e de uma ucraniana, Ludmilla Gallasch Hall, Aline Gallasch-Hall de Beuvink nasceu no Brasil e aos sete anos de idade mudou-se para Portugal. Hoje, é doutorada em História, professora universitária e Vice-Presidente do Partido Popular Monárquico. Deixando os ofícios e posições de lado, quem é Aline Gallasch-Hall de Beuvink?

Esta é uma daquelas perguntas que é tão difícil responder. Primeiro, porque detesto falar sobre mim, prefiro falar sobre ideias. Falarmos sobre nós próprios é sempre complicado.

Sei que isto é um lugar-comum, mas, dadas as minhas origens tão diversas, o facto de ter nascido num continente e ter vindo estudar, viver e trabalhar em outro, acho que, acima de tudo, sou uma cidadã do mundo.





Sempre encontrou na sua mãe e avó duas grandes referências. Muito do que Aline é hoje enquanto, política, professora, profissional e, sobretudo, enquanto mulher deve a estes dois importantes pilares da sua vida?

Devo a todos os meus familiares, incluindo as figuras masculinas – como o meu pai e o meu avô materno, ambos militares – mas estaria a mentir se não reconhecesse a força da influência feminina da minha mãe e da minha avó materna. Na senda característica das mulheres ucranianas, a marca feminina é indubitável. Desde os Citas, cuja igualdade, até militar, entre homem e mulher nessa sociedade se sentiu no reflexo da formação do povo ucraniano, posso dizer que a minha educação, extremamente matriarcal, é disso reflexo. A minha mãe, a minha avó materna e eu somos como uma entidade única a nível de ideias e de força. Esta unidade é o que me mantém viva para enfrentar os obstáculos.

Desde adolescente, sentia-se insatisfeita com os políticos, com as injustiças, com a crise civilizacional. Mas sempre achou que criticar o Governo, sem fazer nada, também é uma incoerência. Foi aqui que começou, ainda que cedo, o seu interesse pela política?

É verdade. Sempre me interessei pela política. Aliás, lembro-me que, dentro de casa eu e os meus pais, sempre debatemos abertamente vários temas.

Sempre considerei que não devemos criticar sem fazer nada, sem dar um contributo e sem tentar ajudar em alguma coisa. O facto de saber que posso fazer algo, dando o meu apoio, colocando as “mãos na massa” e defendendo as minhas causas, levou-me a entrar na política.

Atualmente, é Vice-Presidente do Partido Popular Monárquico, um partido que, arriscamos dizer, muitos não sabem que existe. Como surgiu esta ligação ao Partido Popular Monárquico?

De facto, a existência Partido Popular Monárquico não é do conhecimento de todos, mas sendo eu monárquica, sei que há monárquicos em todos os partidos. Pode parecer um contrassenso, mas é verdade. Ninguém vai para o Partido Popular Monárquico para singrar na vida política, isto porque, obviamente, ninguém quer fazer carreira política num partido pequeno. Fui, mesmo, por uma questão de causas. O Partido Popular Monárquico defende causas em que acredito, como o humanismo e a ecologia. Sei que hoje está muito na moda falar em ecologia e ambiente, mas não nos podemos esquecer que o primeiro partido ibérico a falar sobre isso foi, exatamente, o Partido Popular Monárquico, com o grande Gonçalo Ribeiro Telles. Foi esta identificação com as suas bandeiras que me levou a entrar e a contribuir para, e com, o Partido Popular Monárquico. Neste contexto não posso deixar de destacar o enorme contributo que Gonçalo Ribeiro Telles deu para o país, através da preconização dos ideais deste partido. A verdade é que, se olharmos atualmente à nossa volta muitas das ideias que ele defendeu nos anos 70 são hoje, extremamente úteis e fundamentais para a vivência da cidade de Lisboa e do próprio país.

A Aline é respeitada e até algo temida no mundo político. Margarida Bentes Penedo referiu, num texto publicado em 2021, que a Aline “acrescenta uma dose rara de coragem social e política, que a leva a defender sem falsas suavidades as ideias em que acredita”. Dizer aquilo que pensa, objetivamente, de modo bastante direto e sem medos é uma das suas principais características?

Não sei se sou temida, mas digamos que, a minha principal característica, talvez, seja não ser politicamente correta. Não me preocupo em dizer as coisas com paninhos quentes e não me importo de dizer, exatamente, aquilo que penso e defender aquilo em que acredito. Não sou pessoa de recorrer a terminologias, como agora se costuma dizer, “fofinhas”. Sou completamente contra esse tipo de atitudes, não sou hipócrita. Digo o que penso sem rodeios e, claro, sem ser mal-educada.



© Tiago Araújo

A sua passagem como deputada pela Assembleia Municipal de Lisboa é digna de reconhecimento. Por todo o seu contributo, mas também por ter provavelmente o registo mais original da Assembleia Municipal de Lisboa já conheceu. Já fez comparações entre a vereação e o panteão greco-romano, já declamou 'E Depois do Adeus' e até já relatou as aventuras da vereação, entradas e saídas de plantel, em modo de relato futebolístico à Gabriel Alves. Podemos afirmar que a Aline não é, de facto, a típica autarca cinzenta?

Penso que precisamos ser sérios na política, mas não precisamos ser carrancudos. Muitas vezes, através da ironia conseguimos criticar mais do que se o dissessemos de forma mais seca. Eu recorro muitas vezes à ironia e Portugal tem muita tradição no uso deste registo. Aliás, a ironia está presente em diversas obras da literatura, como por exemplo nas obras de Gil Vicente. Curiosamente, uma das minhas linhas de investigação académica é, exatamente, o teatro e a ópera e, portanto, de certa maneira, acabo por ligar esta veia política e o gosto artístico.

Foi em 2021, quando Francisco Louçã truncou as imagens da intervenção que fez enquanto deputada autárquica, que ficou mais conhecida. Falamos do triste episódio em que Francisco Louçã descontextualizou as suas declarações e negou o Holodomor, a grande fome que matou milhões na Ucrânia durante o comunismo soviético de Estaline. Um período negro que lhe diz muito, pelos seus antepassados, e que sempre se empenhou em divulgar em Portugal. A falta de conhecimento não pode ser desculpa para o desrespeito?

Não pode nunca servir de desculpa. Neste caso em particular, e sendo quem é, não tem desculpa alguma. Este episódio foi, obviamente, exemplo da obsessão política da parte dele. Sinceramente, duvido que, uma pessoa como o Dr. Francisco Louçã, não tivesse tido conhecimento, algures na sua vida, sobre este episódio (Holodomor). Se o quer negar, é algo que está e fica na consciência dele. Mas não existem dúvidas de que este período negro aconteceu e há várias documentação sobre esse assunto que o comprova.



© Tiago Araújo

Os seus avós maternos fugiram da Ucrânia no período do Estaline. Deve ter ouvido muitas histórias dessa altura. A sua vida é muito marcada por esses acontecimentos?

Sem sombra de dúvidas. Desde sempre ouço as histórias sobre o que os meus avós maternos, e outros familiares, passaram naquele período. Esses relatos acompanharam-me ao longo da minha existência e são uma parte integrante de mim. Hoje, é assustador ver paralelos tão fortes como os que estão a decorrer, neste momento, com a invasão e guerra na Ucrânia, por parte da Rússia. A única grande diferença, entre os relatos que os meus avós faziam e aquilo que vejo agora, é a tecnologia.

A Rússia sempre tentou dominar a Ucrânia, todos estes séculos. Depois do Holodomor, um novo episódio dramático marcará para sempre a história da humanidade. Considera que se deve continuar a lutar pelas conversações diplomá-

ticas para alcançar a paz na Ucrânia, após a ofensiva militar russa?

Penso que não podemos perder a esperança de lutar e de acreditar na diplomacia. Porém, como diziam os romanos “se queres paz prepara-te para a guerra” e, infelizmente, Putin sempre disse ao que vinha. É muito difícil fazer conversações de paz com alguém que diz que a nossa raça não deve existir, que os ucranianos não existem. É muito difícil, e imagino como portuguesa que sou, se alguém me dissesse que os portugueses não têm razão de existir. É difícil estabelecer conversações de paz, ou tentar conseguir paz, com um interlocutor que acha que nós não devemos existir e que, por isso, tem levado a cabo um verdadeiro genocídio. Daí, talvez, na minha opinião ser extremamente necessário um mediador, ou até mais, para se conseguir chegar a uma tão almejada paz.



© Tiago Araújo

O Secretário-Geral da ONU, António Guterres, afirmou que a guerra não terá vencedores e que esta crise poderá culminar numa crise alimentar mundial e piorar as já pobres condições nos países em desenvolvimento. Esta não é só uma guerra da Rússia contra Ucrânia, mas sim contra o resto do mundo?

O Secretário-Geral da ONU demorou dois meses a fazer alguma coisa; como se viu foi fulcral a ida dele à Ucrânia e à Rússia para os refugiados. Consegiu-se retirar os civis de Mariupol. Quantas vidas poderiam ter sido salvas, se ele tivesse accordado e feito aquilo que era exigível ao seu cargo?



© Tiago Araújo

O Presidente ucraniano discursou, recentemente, na Assembleia da República. Numa mensagem curta, Zelensky destacou a violência das forças russas contra a população ucraniana, agradeceu o apoio português à Ucrânia e reforçou o apelo para travar a Rússia de destruir a democracia dos países do leste da Europa. O discurso de Zelensky terminou com uma ovAÇÃO do Parlamento português, onde apenas faltavam os deputados do PCP. Contudo esta posição não é caso único no mundo, nem sequer na Europa...

Se até há quem negue o Holocausto, infelizmente, haverá pessoas que se comportam como o PCP e não reconhecem o momento inacreditável que a Ucrânia está a viver. Muitas vezes a ideologia anti-americana, anti-NATO e anti-alguns valores do Ocidente cega as pessoas e não lhes permite perceber a necessidade de humanidade. E é uma pena. Mas, como se percebeu, o PCP não estando presente, não fez falta nenhuma.

O presidente da Ucrânia tornou-se, nos últimos meses, no rosto mais popular do chamado “mundo livre”, tendo sido, inclusive, um dos cinco distinguidos com o Prémio John Kennedy Perfil de Coragem, pela sua ação na proteção da democracia. Que ideia tinha de Volodomir Zelenski antes de tudo isto acontecer e hoje no presente?

Não tinha uma grande ideia formada. Apenas de um actor cómico que tinha ingressado na vida política. Não o conhecia para além disso. Porém, como muitas vezes aconteceu na História, foi na adversidade que se revelou o homem que era necessário. E isso é também uma lição de humildade para todos nós: compreender que os grandes homens vêm de onde menos se espera. A fé e a luta pelos ideais não se aprendem nos livros.



© Tiago Araújo

Desde o início da emigração ucraniana em Portugal nos anos 1990, os seus pais têm dedicado uma grande parte do seu tempo à ajuda aos ucranianos que eram completamente desconhecidos em Portugal e nem tinham a oportunidade de conhecer direito no seu novo país de acolhimento. Também a Aline, desde sempre teve uma atenção especial para com a comunidade ucraniana residente em Lisboa. Numa altura como esta, de que forma têm sido desenvolvidos esforços no sentido de contribuir para a sua maior integração na sociedade portuguesa?

Considero que não é preciso fazer grandes esforços para que os ucranianos se integrem na sociedade. Sendo, atualmente, a segunda maior comunidade estrangeira em Portugal, é também uma das que melhor se integrou até hoje, à semelhança da comunidade brasileira. Nota-se, perfeitamente, que eles têm um grande respeito pelo país de acolhimento e tentam viver a vida que os portugueses vivem, não abdicando, no entanto, da sua identidade. Isto será talvez uma das suas características mais interessantes. Durante a semana os miúdos vão às escolas portuguesas, muitos até se tornam os melhores alunos dessas turmas, e ao fim-de-



© Tiago Araújo

semana dedicam-se à escola ucraniana e a manter vivas as suas raízes. Acho isso extraordinário.

Para além desta capacidade de rápida integração, os ucranianos não têm problema em trabalhar, seja no que for. A maior parte deles tem cursos superiores e não se importa de (re)começar por baixo, mesmo que o que façam não tenha nada a ver com a sua formação profissional e académica. Ao longo destes anos conhecemos vários diretores de hospitais, professores universitários, pessoas que tinham na sua terra uma posição social, académica e profissional elevada, que acabaram por estar a lavar escadas em Portugal e que não se importaram nada com isso. Não era uma vergonha para eles trabalhar, porque eles queriam progredir e reconhecer, fosse de que maneira fosse. Eles dedicam-se totalmente.

Ainda antes de haver um Consulado ou uma Embaixada em Portugal, os meus pais e, principalmente a minha mãe, sempre ajudaram os ucranianos. Nós chegamos a ter, ao

longo dos anos, cerca de 300 pessoas que ficaram alojadas na nossa casa, a quem fomos oferecendo espaço e tudo aquilo que precisassem, até que se conseguissem instalar. E ainda hoje, ajudamos e damos todo o apoio naquilo que necessitam. Nós temos um carinho muito grande pela comunidade ucraniana e sempre que podemos participar nas atividades e ajudá-los, fazemo-lo.

Inerente à identidade ucraniana é a coragem em manter a fé viva. Hoje, a fé é ainda mais fundamental no importante processo de ajudar quem precisa de nós. É essa esperança e fé que vai movendo o povo ucraniano, na Ucrânia e aqui?

Indubitavelmente, a fé é fundamental. Quem conhece o povo ucraniano e a história do povo ucraniano, percebe, facilmente, que aquilo que os move é a fé, a coragem e, de certa forma, a esperança - de serem livres e de poderem vivar a sua vida, a sua terra, a sua identidade.



© Tiago Araújo

A guerra na Ucrânia fez sobressair as melhores qualidades dos portugueses. A solidariedade e o espírito de entreajuda que levaram milhares de pessoas a irem buscar refugiados ucranianos e a acolhê-los em suas casas, muitas vezes com grande sacrifício pessoal, revela a nobreza de alma do povo português. Infelizmente, a crise ucraniana também fez sobressair as piores qualidades de alguns portugueses?

Não acho que seja a pior qualidade de alguns portugueses. Penso que terá, sobretudo, a ver com a ignorância, com o profundo desconhecimento do que é que eles passam e com uma profunda lavagem cerebral. Se pensarmos bem, mui-

tos conhecem a Ucrânia pelo olhar russo e, principalmente, pelo olhar soviético. Perante esta realidade, acho que é, sobretudo, a ignorância a falar mais alto.

As pessoas têm que perceber que não se trata de ver qual é o lado do bem e o lado do mal, o lado dos ucranianos ou o lado dos russos. Trata-se de uma questão de humanidade. Trata-se de um povo que está a ser dizimado por questões políticas, territoriais e ideológicas.

Apesar disso, muitos portugueses viram esta injustiça e é comovente assistir à onda de solidariedade que se criou entre os portugueses, de quem a ajuda tem sido extraordinária. Os portugueses, aqui, também são uns heróis.



© Tiago Araújo

Recentemente publicou na sua página Facebook: “Nunca tive tanto orgulho em ter sido a única a votar contra a proposta de felicitações aos 100 anos do PCP na Assembleia Municipal de Lisboa (em 2021) como hoje”. Que efeito terá a longo prazo a posição do partido sobre a invasão russa?

Temos vindo a perceber que o Partido Comunista tem perdido o apoio do seu eleitorado. Não digo em posições como as que tem tido, relativamente à guerra na Ucrânia e ao apoio meio que velado a Vladimir Putin, mas penso que não comprehende as verdadeiras necessidades que o povo português no fundo está a ter. Não digo que perderam o comboio, porque podem sempre apanhar outro, mas de

facto o Partido Comunista Português está a diminuir face a outros anos. Eles estão parados no tempo e ainda não perceberam que Putin é mais de extrema-direita do que qualquer outra coisa.

A embaixada da Ucrânia em Portugal afirmou recentemente que teme pela segurança dos refugiados ucranianos que chegam ao país, porque, há informações de que existem organizações pró-russas que estão infiltradas no apoio aos refugiados. Esta situação está a colocar em causa a segurança de quem foge da guerra e das famílias que ficaram na Ucrânia a lutar contra a Rússia?



© Tiago Araújo

Até ao momento não tenho conhecimento de nenhuma associação ucraniana que tenha “agentes infiltrados”. Tenho, sim, tido conhecimento de estruturas locais portuguesas, que têm “agentes infiltrados” portugueses, e operacionais russos. Esta é a informação que me chegou até agora e que, para mim, é muito preocupante. Não posso apontar, porque não me chegaram provas, chegaram apenas denúncias, mas que há vários ucranianos que já se estão a queixar, há. Aliás, chegaram-me, inclusive, denúncias de relatos de familiares militares que ficaram na Ucrânia e que estão a ser perseguidos, porque os seus nomes foram veiculados.

Os seus avós maternos tiveram de sair da Ucrânia nos tempos do estalinismo, depois da Grande Fome e da Segunda Guerra Mundial, mas a Aline continua a manter raízes no país. É possível descrever o que se sente num momento como este?

O que se sente é um desespero enorme e uma incapacidade total de poder contribuir, de poder ajudar. É de facto desesperante. Uma pessoa chega a um momento em que mantém uma calma que só o desespero tem. Obviamente, só querer que este pesadelo acabe, mas infelizmente daquilo que conheço da história parece-me que não vai acabar tão depressa.

Numa entrevista em 2021 disse que ainda não tinha tido a oportunidade de ir à Ucrânia. Referiu que depois da pandemia gostaria de ir lá com a família, conhecer as suas origens. Este desejo e a sua admiração pelo povo ucraniano tornou-se agora ainda maior?

Não se tornou maior, porque já sabia daquilo que o povo ucraniano era capaz. O orgulho é que, provavelmente, é mais visível neste momento. Realmente, sinto um orgu-



© Tiago Araújo

lho muito grande por eles não cederem. Como o meu avô materno costumava dizer: “enquanto houver um ucraniano vivo no mundo, a Ucrânia não morrerá, não deixará de existir”. Tenho um grande desgosto, a minha mãe e o meu irmão também, de não termos conhecido a Ucrânia antes desta guerra. Se eu tivesse possibilidade e oportunidade, gostaria de ir lá, não só para conhecer, mas também para contribuir para reerguer a Ucrânia das cinzas.

Que mensagem gostaria de deixar a todos os ucranianos?

Que se mantenham firmes. Que se lembrem que, infelizmente, também os nossos antepassados passaram por isso e que, tal como eles, também nós vamos conseguir vencer. E que a Ucrânia é hoje o bastião da luta pelos valores da Liberdade, Democracia e Humanidade, os valores que o Ocidente defende.



| MIGRAÇÕES

É importante saber migrar, é ótimo ter quem nos ajude

Mesmo quando os nossos longínquos antepassados lusitanos optaram por uma vida fixa, cultivando e cuidando das suas terras, sempre houve algo do instinto do nómada que até hoje ecoa dentro de nós. Quando o que a nossa terra nos tem para oferecer já não é suficiente, é quando construímos caravelas e naus para navegar pelo globo, enquanto continuamos a sentir o espírito

aventureiro é quando vamos para procurar oportunidades melhores e emergir-nos na cultura dos outros povos e dar um pouco das nossas tradições aos que nos acolhem.

A Globalização, juntamente com um exponencial avanço tecnológico, por um lado, potenciou este instinto migratório, mas por outro, elevou os cuidados e os requisitos para se poder

viajar e estabelecer legalmente em outros países. Com o boom da imigração que se verifica ao longo dos últimos anos em vários países, não só nos Estados Unidos como também na Europa, os mecanismos de gestão e controlo da imigração tendem a tornar-se mais rigorosos e complexos.

É devido a esta complexidade que vários países, há mais tempo acostuma-

dos a receber indivíduos que provêm de diferentes nacionalidades, têm várias agências privadas e escritórios de advogados que se especializam em acompanhar e orientar estas pessoas nos seus percursos migratórios.

Em Portugal este conceito não existia até 2014. No entanto, devido à demanda que estamos a assistir de entrada de estrangeiros no nosso país, a procura por este serviço começou a aumentar significativamente, principalmente por parte de cidadãos brasileiros e norte-americanos. É neste contexto que surge a Ei! Assessoria Migratória, com a missão de ser o verdadeiro facilitador numa das maiores e mais difíceis mudanças que podemos levar a cabo nas nossas vidas. Neste momento estamos a viver um aumento de imigração como Portugal nunca teve: as conservatórias estão cheias de processos de lusodescendentes a pedir nacionalidade portuguesa, de emigrantes a regressarem ao seu país e o SEF cheio de processos de autorização de residência de estrangeiros sem qualquer vínculo a Portugal, como os norte-americanos, que encontraram em terras lusas um paraíso para a sua reforma, com uma qualidade de vida que não conseguem ter no seu país, ou os profissionais brasileiros com experiência na área das Tecnologias de

Informação que estão a aproveitar o vastíssimo número de vagas existentes neste setor para encontrar segurança e alguma estabilidade social.

Ter uma boa assessoria migratória, pronta e disponível para ajudar estes cidadãos estrangeiros é tão importante quanto diferenciador, pois mais do que apenas ajudar e orientar na obtenção dos documentos necessários para se legalizar, é quase imprescindível a sensação da “mão amiga” que nos parece entender, que se preocupa connosco quando algo não nos corre tão bem e que escuta as nossas dores e inquietações numa etapa de grande rebolço emocional. Passamos a ser como uma família provisória para cada uma destas pessoas pois acabam por se criar vínculos emocionais com os profissionais que se envolvem plenamente nos processos, e os imigrantes, eles próprios, acabam por nos envolver em cada etapa ou em cada passo importante dado na vida delas no seu novo país.

Mas há outros papéis que a Ei! Assessoria Migratória pode (e deve) executar, além daquele que temos vindo a desempenhar na vida de cada migrante. E este é o papel de instruir e colaborar com o nosso governo, contribuindo com inputs que tragam verdadeiro valor acrescentado aos procedimentos atuais de legalização de estrangeiros,

ou de participar, mesmo que indiretamente, nas mudanças das mentalidades fase a este fenómeno incontornável da imigração.

No caso concreto de Portugal, que está no Top dos cinco países mais seguros do mundo, foi eleito o melhor destino sustentável da Europa e cresce como país de referência no setor de educação, investigação e ciência, tecnologias de informação e no turismo, esta questão das mentalidades é tão importante como assegurar que os processos migratórios dos clientes corram sem problemas. Porém para isto é preciso colaborar com as autoridades, dar o *feedback* das realidades vividas no seio de famílias inteiras que confiam em Portugal para dar um novo rumo às suas vidas, de forma a que as entidades públicas possam ter consciência onde podem melhorar e onde deverão atuar por forma a prestar um melhor serviço. Assumindo, assim, estas responsabilidades e trabalhando com o foco numa imigração sustentável, por um lado teremos cidadãos estrangeiros motivados e felizes pelas oportunidades do seu novo país, e por outro lado, preparamos os caminhos para tornar a nossa burocracia mais célere e uniformizada, elevando Portugal de novo a um plano de referência no que toca à Globalização.



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória

CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

As Comissões Temáticas do CCP



São muitos e variados os assuntos que o Conselho das Comunidades Portuguesas deve analisar, discutir e transformar em pareceres que são posteriormente encaminhados ao governo e às instâncias correspondentes, para melhorar, sincerizar e facilitar a vida aos nossos conterrâneos que

vivem fora de Portugal. Ao final do caminho, a igualdade de direitos e deveres está expressa na Constituição da República Portuguesa e as comunidades exigem o seu cumprimento, mas sabemos que nem sempre somos ouvidos.

As chamadas Comissões Temáticas são parte estrutural do

CCP e nos passados dias 2 e 3 de maio reuniram-se presencialmente em Lisboa, no Palácio das Necessidades para a sua reunião anual.

A Comissão Temática para o Ensino do Português no Estrangeiro, da Cultura, do Associativismo e da Comunicação Social (CEPECAS) convidou várias personalidades das distintas áreas que abrangem a nosso raio de ação, como foram os casos do excelentíssimo Embaixador Dr. João Ribeiro de Almeida, presidente do Camões, I.P., que assistiu acompanhado por João Neves, diretor de programas da RTP e do diretor e subdiretor da RTP internacional, José Fragoso e Luís Costa, respetivamente, alguns dos representantes do Conselho de Opinião da RTP e RDP e da Dra. Rosa Campizes da DGACCP.

Dois dias de intenso trabalho que ao final da jornada nos levou a emitir várias considerações e o nosso respetivo parecer final, que foi encaminhado ao Conselho Permanente, que finalmente decidirá as matérias que serão apresentadas aos órgãos do Estado Português.

Tendo em conta que o ensino do português além-fronteiras é um assunto estratégico para o Estado Português, considerando as distintas vertentes em que se divulga e que implicam esforços que devem ser mancomunados, recomendamos que no caso dos países da Europa, onde o português se ensina como língua materna ou de herança, deve-se fazer justiça aos que diariamente o aprendem no ensino público e privado. O governo fala de uma eliminação progressiva das propinas sem data explícita, que a nosso entender pode dilatar muito a sua implementação. Assim sugerimos a eliminação total da cobrança de propinas já a partir do ano letivo de 2023. Sabemos que as propinas re-

presentam uma fatia importante dos ingressos no Camões, I.P. e que a sua eliminação implicaria um corte importante que deve ser coberto de alguma outra forma e que não se transforme numa redução orçamental com consequências imprevisíveis.

Agora, fora da Europa, onde o português se ensina como língua estrangeira na chamada plataforma do ensino apoiado, ainda que não se paguem propinas, os custos para ensinar português, são muitas vezes superiores às mesmas propinas e totalmente cobertos pelos alunos e pais, representando também um elevado investimento para as instituições e clubes portugueses que disponibilizam as aulas e espaços, assim como os pagamentos dos professores, que normalmente são pouco reconhecidos e pagos com baixos salários. Assim, parece-nos justo e necessário que os apoios do Camões, I.P. não fiquem só pela distribuição de manuais e material de apoio, mas que sejam assinados protocolos e convénios mais amplos que permitam suportar os encargos que esta plataforma implica, para garantir uma melhora urgente na formação dos professores.

No campo da Cultura, entendemos que é urgente a implementação de um projeto e um plano cultural dirigido especificamente às Comunidades, visando a divulgação da cultura no seio delas, nomeadamente nas camadas mais jovens de lusodescendentes.

Todos sabem que o Associativismo atravessa neste momento grandes dificuldades, já não bastava a pandemia e o período pós pandemia, agora temos também as economias mundiais a sofrer as consequências da guerra na Ucrânia e as instituições, associações e clubes portugueses espalhados por esse mundo fora, estão também muito afetadas e muitas



em risco de desaparecer. Se bem que a DGACCP e a Secretaria de Estado das Comunidades criaram e ampliaram projetos de apoio às Comunidades Portuguesas e às suas associações, também é imperativo que os processos das candidaturas a esses apoios, sejam simplificados e se tornem mais amigáveis. Estão condicionados ao ano calendário e isso dificulta muito os projetos que se apresentam para serem executados no primeiro semestre do ano, pois os apoios não chegam oportunamente e as associações não dispõem de capacidade económica para os executar. Por outro lado, as embaixadas e os consulados devem supervisionar oportunamente e detalhadamente os pedidos de apoio de modo a evitar a falta de documentos que pode levar a rejeição dos pedidos de apoio. Devido ao envelhecimento da primeira geração e de alguma dificuldade nas transições geracionais, recomendamos promover cursos de formação de dirigentes associativos, mas nesta ocasião que os mesmos sejam ministrados nos países de acolhimento, de modo a revitalizar e capacitar as associações portuguesas para garantir a continuidade das mesmas.

Finalmente e quando falamos de Comunicação Social, para fortalecer os elos de ligação a Portugal das novas gerações, é imperativa a otimização de programas vocacionados para as crianças e jovens lusodescendentes nas transmissões da RTP internacional. Também não podemos esquecer do urgente e necessário que é agilizar a aprovação do projeto de lei que obriga o Estado Português a difundir publicidade institucional nos órgãos de comunicação social das Comunidades Portuguesas, não só pela necessidade de as ter bem e oportunamente informadas da atualidade do que se passa em Portugal em matérias governamentais e de serviço público, mas também porque essa publicidade institucional, que é paga, pode representar um apoio importante para os órgãos de comunicação que tantas dificuldades atravessam hoje em dia. O trabalho continua e o CCP e as suas Comissões Temáticas, assim como a grande maioria dos conselheiros continuam empenhados em dar visibilidade a todos aqueles portugueses que por esse mundo fora são autênticos embaixadores de um Portugal que quando quer, nos esquece.



Fernando Campos Topa
Conselheiro das Comunidades Portuguesas

Q U I N T A D A R I B E I R I N H A . P T

Somos
B  **O**

O melhor de Trás-os-Montes

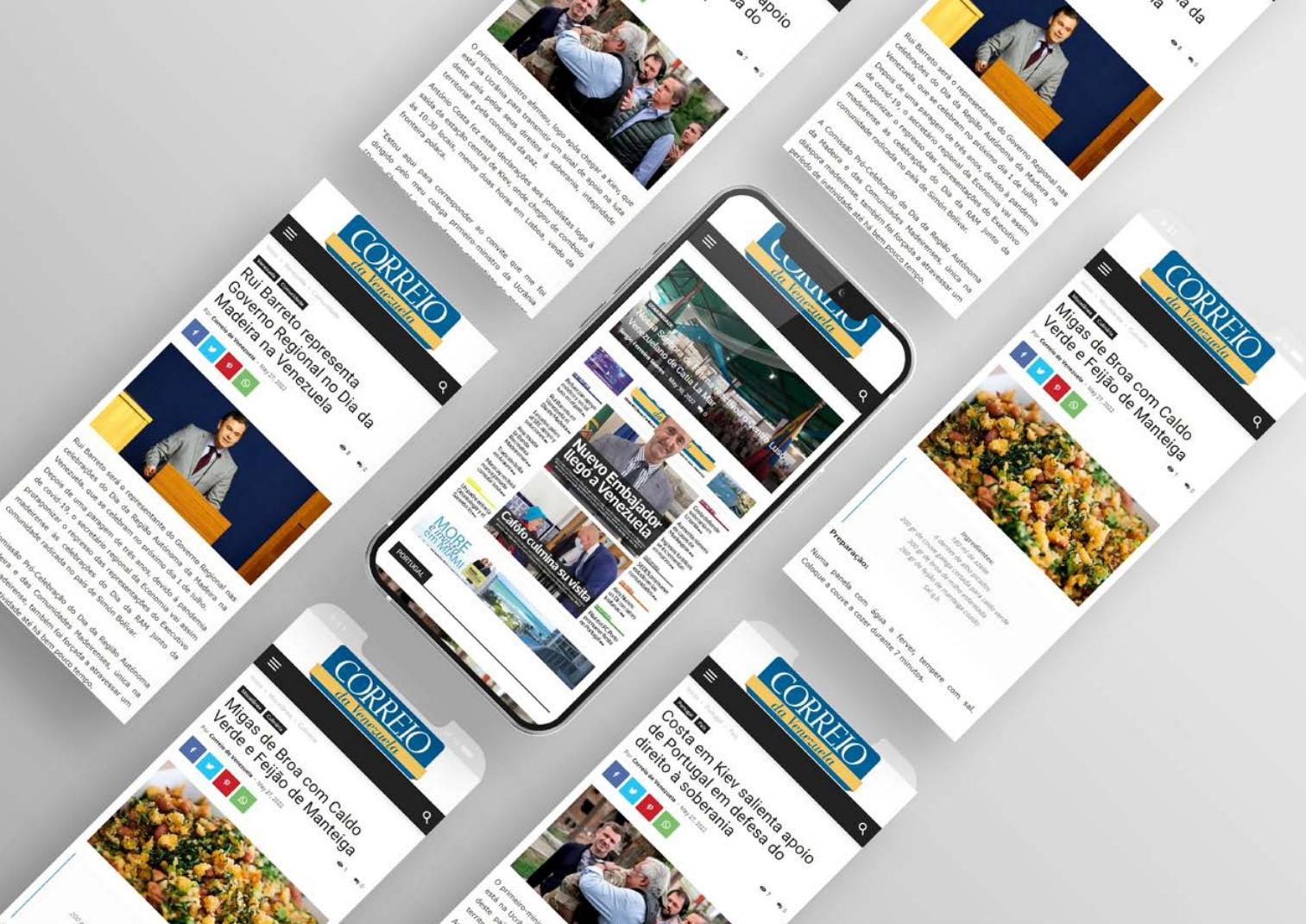
OS MEDIA DE LÍNGUA PORTUGUESA PELO MUNDO

Correio da Venezuela

Venezuela



Jornal semanal
Distribuição por todo o território
da Venezuela e ainda em Portugal
15000 exemplares de tiragem
Fundado à 23 anos



Fale-nos um pouco da origem do Correio da Venezuela e da sua razão de existir.

O Correio da Venezuela é, desde a sua fundação em 1999, o órgão de comunicação por excelência da comunidade luso-venezuelana, sendo distribuído por todo o território da Venezuela e ainda em Portugal, embora de forma mais tímida, de momento. O nosso jornal surgiu pelas mãos de um empreendedor visionário que aspirou a que a sua contribuição à comunidade lusitana se traduzisse num novo meio de comunicação, com periodicidade mensal, que se tornaria o ponto de encontro com o país de nascimento. O seu nome de batismo foi “Correio de Caracas” e seria orientado para os portugueses residentes na capital venezuelana.

De que forma evoluíram?

Dado o nosso crescimento exponencial e a recetividade dos leitores, a partir de 2002, nasceu a nova denominação “Correio da Venezuela”, com publicação quinzenal e a produção

de 10.000 exemplares, distribuídos na Venezuela e em Portugal. Posteriormente, a partir de 2005, o Correio surge com uma nova imagem, frequência semanal e tiragem de 15.000 exemplares, respondendo à demanda do mercado, com o objetivo de manter os seus leitores informados de forma mais contínua e eficaz. Sendo assim, permita-me contar-lhe que temos sido reconhecidos pelo trabalho que vem sendo desenvolvido e pela importância que tem o jornal nos meios de comunicação das Comunidades Portuguesas. O CORREIO, tem participado, assiduamente, em seminários, fóruns e congressos, organizados por instituições públicas e privadas. No dia 23 de Julho de 2010, recebemos o Prémio Talento da Comunicação Social 2009, concedido pelo Governo Português através da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas. Entre 2011 e 2015, o semanário expandiu os seus horizontes com o lançamento do seu novo portal e a criação do seu espaço na plataforma digital ISSUU. No entanto, foram nos anos de 2016, 2017, 2018 e 2019, que vivemos o maior desafio da nossa história: perante a escassez de papel no país e a situação económica, o Correio teve a necessidade de migrar



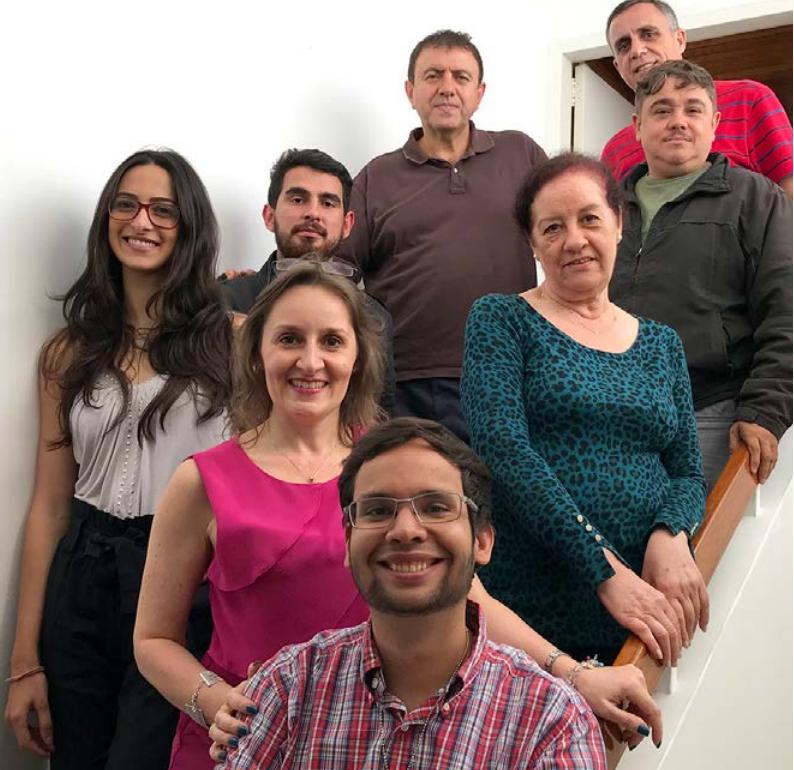
<https://correiovenezuela.com/portugues>

os seus leitores tradicionais para plataformas digitais, e simultaneamente, avançar com uma nova imagem e um novo site, assim como a criação de novas opções para o desfrute de conteúdos via newsletter, Instagram, Facebook, Twitter, Pinterest, YouTube, WhatsApp e Telegram. A nossa marca sempre se caracterizou pela inovação, oferecendo aos seus leitores diversos conteúdos, adaptados ao contexto global e escritos em português ou espanhol, para que possam aproveitá-los quando, onde e como quiserem, de forma totalmente gratuita. Mas a nossa principal característica é ser uma ponte na qual os nossos leitores matam saudades e mantêm a sua ligação com o país natal. Nas nossas páginas vibra a portugalidade, o Camões, a alma portuguesa. Sentimos orgulho do que fazemos, da nossa gente, das nossas associações, dos nossos valores. É por isso que, perante a situação que se vive

na Venezuela, o Correio reafirma o seu compromisso com a comunidade luso venezuelana. Um meio de comunicação feito de dois países com um mesmo coração.

Está a falar-nos da vossa missão...

Sim, temos incutido os novos conceitos de uma empresa moderna, apesar de todas as adversidades, ou talvez até por estarmos conscientes delas. A nossa missão é manter informada a comunidade luso-venezuelana sobre notícias, eventos e tópicos relacionados com a Venezuela, Portugal e a diáspora portuguesa. Para isso, contamos com uma sólida plataforma multimédia, impulsionada pela paixão que sentimos pelas nações que nos definem. Também nos orgulhamos de manter os valores, tais como o resgate dos costumes e tradições; a



objetividade e a imparcialidade, a defesa da livre discussão de ideias; a proteção da liberdade de expressão; a promoção dos direitos fundamentais, como a igualdade, o compromisso com a excelência e a ajuda no desenvolvimento da Venezuela.

No passado mês de novembro entrevistamos o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva. Como analisam o seu mandato em relação à Comunidade Portuguesa que vive na Venezuela e do próprio XXII Governo Constitucional?

Nos últimos anos, assistimos a uma presença e acompanhamento constante das autoridades portuguesas à situação que se vive na Venezuela. O ministro Augusto Santos Silva fez um bom trabalho, aproximando-se da nossa comunidade, não

só em Caracas, mas também, no interior do país, ouvindo as preocupações, procurando soluções para as várias problemáticas que lhe foram expostas. Além destas aproximações, os representantes do Governo português, mantiveram contacto com os diferentes atores políticos da Venezuela, quer oficiais, quer opositores, a fim de defender os seus conterrâneos espalhados por todos os recantos do país. Não menos importante foram as diferentes medidas adotadas em prol da cidadania, entre as quais se destacam a implementação de uma rede médica portuguesa em vários estados do país, a eliminação das taxas nos consulados de Portugal no país, a realização de jornadas consulares e sociais no interior da Venezuela e a criação de um programa de acesso a apoios para quem regressa a Portugal. Medidas que a comunidade aplaude e agradece.

A R T E S E A R T I S T A S L U S O S

Tiago Fernandes

[Website oficial](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)



Tiago Fernandes nasceu em Paris, a 22 de abril de 1982 e atualmente reside em Caminha. É ator profissional desde 2002, licenciado em Estudos Teatrais – ramo vocacional pela Universidade de Évora, estudou ainda na London Language and Drama School (Reino Unido). No seu percurso profissional, para além da atividade de ator de teatro, contam-se experiências variadas como participações em rádio, apresentação de eventos, animações e recitais, figuração especial para televisão, bem como a participação em curtas-metragens e filmes publicitários e institucionais.

Atualmente integra o elenco residente do Teatro do Noroeste – Centro Dramático de Viana, é responsável pelas Edições e Relações Internacionais, encenou “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá” e coordena, também na companhia, o ATIVA Séniors – Oficina de Teatro com Seniores.

Nasceu em França e com 7 anos veio viver para Portugal. O que ficou do país de nascimento?

Para além das mais belas memórias de uma infância feliz, continuam lá muitos tios, primos e até amigos. Trouxe-os todos comigo no coração, assim como a língua e toda uma cultura que vai mais além dos croissants (prefiro os queijos, a literatura, o cinema e os perfumes). Ficou também o gosto pelas línguas, tão úteis nas relações internacionais e na tarefa de responsável pelo projeto editorial do Teatro do Noroeste – Centro Dramático de Viana.

Quando decidiu que a sua vida profissional seriam as artes? Porquê ator? O que o fascinou?

Desde muito cedo que trabalho com o público infantil. Logo depois de concluir o curso, tive a oportunidade de fazer animação numa biblioteca e sempre que os mais pequenos me faziam

essa pergunta eu respondia que, com a idade deles, sonhava ser bombeiro, médico, padeiro, astronauta, polícia, veterinário, e por aí fora. E um dia descobri que havia uma profissão que me poderia permitir ser isso tudo: ator! Nunca lhes disse e, se estiverem a ler isto, aproveito para pedir que me desculpem a mentirinha, mas a verdade é que desde muito cedo tive claro que era isto que queria fazer.

Como se deu o seu ingresso no Teatro do Noroeste?

Em 2002, estava eu no meu 2º ano de licenciatura e vi no jornal que o Teatro do Noroeste – Centro Dramático de Viana ia fazer audições para atores estagiários. Já era espetador da companhia e não hesitei. Fiz a audição e fui selecionado. Parece que foi ontem, mas dizem que 2002 foi há 20 anos!

Como é que se realiza 5 novas criações e 100 representações (em média) por temporada?

Sabendo que cada processo é único, a adaptação é constante, assim como a oportunidade de trabalhar com novas equipas. Digamos que trabalhar

aqui não é nada monótono. Há rotinas, sim. Dois dias iguais, nunca.

O Teatro do Noroeste – Centro Dramático de Viana conta já com uns notáveis 31 anos de existência. A que se deve este sucesso e longevidade?





Antes de mais e, sem receio, acredito que isso se deve às pessoas. Quando digo pessoas refiro-me aos profissionais que cá estão e os que por aqui passaram. Mas sobretudo ao público, à comunidade que convive com o projeto.

Desde a sua fundação, a Companhia tem presente a sua missão para com um território, fomentando hábitos de fruição cultural e respondendo à demanda e necessidade de mais e melhor oferta no setor. A casa, o belíssimo Teatro Municipal Sá de Miranda também constitui um espaço congregador, cada vez mais consciente das acessibilidades e da inclusão. São cada vez mais os que nos visitam e acabam por se juntar à família. A casa tem essa característica, mas os que nela vivem e por lá passam, é que lhe dão vida.

Para além de ator, o Tiago é também o responsável pelas Relações Internacionais do Teatro do Noroeste. Para onde viajou já o TN? Qual foi o país que melhor vos acolheu? Qual o destino que ainda não levou as vossas peças mas que gostaria muito?

Desde a origem, dada a nossa localização estratégica de fronteira, o Teatro do Noroeste – Centro Dramático de Viana tem as melhores relações com a vizinha Galiza. Para além de Espanha, soma no seu historial idas ao Brasil, França, Luxemburgo e, graças ao digital, chegámos à Coreia do Sul. Também, da aventura do digital, tivemos retorno de espectadores da Austrália, Malásia, Guiné e da Bélgica.

Já na próxima semana, partimos para Cabo Verde, onde apresentaremos “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá” na MOTIM –Mostra de Teatro Infantil do Mindelo.



Os portugueses são dos cidadãos da União Europeia com menores taxas de participação em atividades culturais. O que acha que pode ser feito para mudar este paradigma?

Sim, são dados comprovados. No entanto, Viana não é exemplo. A estratégia que assumimos nos últimos anos de aproximar públicos, implicando a comunidade em toda a nossa atividade, poderá ser uma boa pista para mudar esse paradigma. Não é só para ela que trabalhamos. Também temos de estar de mãos dadas e apostar na continuidade desta forte ligação que construímos.

Qual foi a peça que mais gostou de representar?

Isso é como perguntar a uma criança se gosta mais do papá ou da mamã. Como já disse, cada processo, cada texto, cada personagem é diferente da anterior. Traz novos desafios e faz-nos questionar e crescer. Talvez por isso, guardo memórias especiais de processos que coincidiram com fases mais duras da minha vida pessoal. Talvez por terem sido um bom medicamento, esses processos foram os que mais gostei.

Antes de entrar em palco ainda sente aquele nervoso miudinho?

Claro! E que bom esse nervo. Trata-se de respeito, sentido de responsabilidade e uma imensa gratidão pelo que fazemos e por quem está connosco no processo e, finalmente, na plateia a ver-nos. É um nervo. No dia em que o não sentir, deixo isto.

O Tiago celebra este ano 20 anos de carreira. Que balanço faz desses 20 anos?

O balanço não poderia ser melhor. Olho para trás e sei que fiz as escolhas certas. Olho para o presente e tenho a certeza que estou no sítio certo a fazer a coisa certa. E olho para o futuro com o mesmo deslumbramento de há 20 anos atrás. Vejo que há tanto para aprender e ser dito. E quero tanto fazê-lo!

Durante todos estes anos certamente teve alguns episódios engraçados. Conte-nos um que lhe tenha ficado na memória.

Recordo com um sorriso as coisas incríveis que fomos capazes de fazer nos momentos mais difíceis.



Como aquele dia, durante um quadro teatral de rua na Feira Medieval de Viana do Castelo, em que desata a chover torrencialmente, o público desaparece, a praça fica vazia e, nós atores vestidos de época e completamente molhados, estoicamente nos mantivemos nas marcações. Entredentes, recordando a grande Palmira Bastos, digo eu: “as árvores morrem de pé”. Ainda hoje, todos os que lá estávamos, nos rimos lembrando este episódio.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Num mundo e numa época como esta em que vivemos, acredito que os artistas têm a força e a missão de ajudar a transformar a nossa sociedade e o seu pensamento em prol de um mundo melhor. A arte pode e deve confrontar, aproximar e fazer questionar o próximo. Temos o poder e a responsabilidade de lembrar que um mundo tolerante, inclusivo, justo e solidário, é o mundo que todos desejamos e merecemos.



Terry Costa
Presidente do Conselho Cultural da AILD

| A M B I E N T E

Quanto vale a região de Barroso?

Situada no extremo Norte de Portugal, paredes-meias com a Galiza, a região de Barroso comprehende a totalidade dos concelhos de Montalegre e Boticas, numa extensão de mais de 1100 Kms², onde se destacam a orografia serrana, a água pura e o clima agreste. Lamentavelmente, as suas paisagens, de beleza ímpar, vêem-se agora ameaçadas por mais de duas dezenas de potenciais projectos de exploração mineira.

Todavia, importa relembrar que, a actual ameaça que paira sobre estas terras, não é de hoje. Fazendo uma retrospectiva ao início do século passado, as populações assistiram à instalação de várias explorações mineiras



© Vítor Afonso

nos seus territórios. Cerca de um século depois, uma nova incursão, desta feita, através do famigerado plano de fomento mineiro do Governo. Daí constatamos que, não se aprendeu com os erros do passado e, mais uma vez, a história repete-se, como diria Karl Marx, primeiro como tragédia, depois como farsa.

Ainda não se curaram as feridas na alma do povo e as cicatrizes nas paisagens, mas já se querem abrir novas minas. Os solos contaminados, esses, permanecem intactos desde o fim da anterior laboração. As “soluções” para os recuperar, oscilam entre a musealização dos passivos mineiros ou a abertura de novas minas, imagine-se, com a justificação de, por essa via, se recuperarem os passivos ambientais das antigas explorações.

Perante tal desaforo, urge perguntar quanto valem os rios, as cascatas e as barragens? Quanto valem os campos, as serras e as paisagens? Quanto vale o ar puro, a vida e a saúde das pessoas?

Haverá fórmula que quantifique o valor intrínseco das classificações – “Património Agrícola Mundial” e “Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurés”? Ou podemos, simplesmente, correr o risco de as perder, por uma série de decisões imponderadas?

Grosso modo, quantas toneladas de carbono sequestram os lameiros de Barroso e as florestas nativas? E como calcular as toneladas de carbono que ficariam por sequestrar, ad aeternum, nas futuras áreas de concessão mineira e nas suas envolventes?



© Vítor Afonso

A mesma fórmula se aplica aos empregos – Quantos empregos reais e temporários criariam as minas, e quantos dos actuais se extinguiriam, permanente e consequentemente? Que efeitos se fariam sentir em termos de despovoamento?

E, no plano do património imaterial, quanto valem os usos e costumes, as tradições, as memórias, as estórias e a alma de um povo que, ao longo de vários séculos, viveu e preservou valores ancestrais e modos peculiares de amanho da terra, num misto de subsistência e resiliência perante as agruras dos nove meses de inverno e dos três meses de inferno?

Importa questionar qual o valor reputacional estimado das “marcas” – Montalegre e Boticas, isoladamente, e do

“Barroso”, no seu conjunto – enquanto territórios turísticos de natureza? E, quanto valeriam os mesmos, como zonas mineiras? Como sabemos, as “marcas” são eleitas ou rejeitadas pelos “consumidores” em função de um grande número de factores equacionáveis, que ultrapassam, não raras vezes, os limites da razão. A emoção apresenta-se, cada vez mais, como decisiva nos processos de escolha ou rejeição de uma determinada “marca”. Nesse sentido, as opções de desenvolvimento local deverão ser muito bem ponderadas e tomadas num âmbito de consenso bastante alargado, caso contrário, o futuro da região poderá ficar, irremediavelmente, hipotecado. A sabedoria popular diz-nos que, a cada porta que se fecha, há uma janela que se abre. Assim sendo, a região de Barroso precisa fechar,



© Vítor Afonso

em definitivo, as portas à exploração mineira e, abrir uma janela de novas oportunidades, assente num modelo de desenvolvimento local sustentável e responsável.

A actividade mineira é tida como o último uso a dar aos solos, quando todas as outras possibilidades se esgotam. Isto porque, após essa utilização, os solos ficam inaptos para outras utilizações, devido às alterações profundas operadas nos mesmos e à inevitável contaminação.

Perante esta situação de futuro incerto, pergunta-se quantos sonhos foram adiados indefinidamente? Quanto investimento produtivo, gerador de riqueza e de postos de trabalho, está suspenso à espera de melhores dias? Quais as perdas reais e efectivas que esta situação está a provocar nestes territórios? Este debate precisa ser feito, com urgência.

O discurso em favor da descarbonização, assente na mineração, tem tido uma enorme dificuldade em se sustentar, porque está baseado em mentiras e propaga inúmeras falácia.

A vontade de dar resposta a um desígnio europeu não poderá ser um salvo-conduto para devassar a região de Barroso.

Que desenvolvimento é esse que, em nome da descarbonização da cidade, preconiza a “carbonização” do campo? Os eventuais interesses pessoais, a carência de bom senso e a falta de visão estratégica, poderão levar à aceitação de modelos de desenvolvimento indesejáveis e desadequados para a região em causa, e isso, é muito preocupante.

O futuro da região de Barroso deve centrar-se na salvaguarda dos valores históricos, culturais e patrimoniais, caracterizadores de um modo de vida distinto que lhe valeu a honrosa classificação de “Património Agrícola Mundial”, atribuído pela FAO, única no país; assim como, deve assentar na transformação e valorização dos produtos locais de excelente qualidade, na protecção das paisagens e no incremento de um turismo sustentável, em harmonia e equilíbrio com o modus vivendi das populações locais. Estes sim, são os verdadeiros valores desta região, aqueles que, por tanto valerem, não são passíveis de serem quantificados, mas uma certeza paira no ar - precisam ser preservados e potenciados!



Vítor Afonso
Mestre em TIC

Eu e ela

*Cobertos de folhagem, na verdura,
O teu braço ao redor do meu pescoço,
O teu fato sem ter um só destroço,
O meu braço apertando-te a cintura;

Num mimoso jardim, ó pomba mansa,
Sobre um banco de mármore assentados.
Na sombra dos arbustos, que abraçados,
Beijarão meigamente a tua trança.*

*Nós havemos de estar ambos unidos,
Sem gozos sensuais, sem más ideias,
Esquecendo para sempre as nossas ceias,
E a loucura dos vinhos atrevidos.*

Cesário Verde

*Nós teremos então sobre os joelhos
Um livro que nos diga muitas cousas
Dos mistérios que estão para além das lousas,
Onde havemos de entrar antes de velhos.*

*Outras vezes buscando distração,
Leremos bons romances galhofeiros,
Gozaremos assim dias inteiros,
Formando unicamente um coração.*

*Beatos ou pagãos, vida à paxá,
Nós leremos, aceita este meu voto,
O Flos-Sanctorum místico e devoto
E o laxo Cavalheiro de Flaublas...*

Seleção de poemas Gilda Pereira

| SAÚDE E BEM ESTAR

Saúde Mental no processo de aceitação da Diabetes



A saúde mental refere-se à saúde psicológica que resulta da interação entre as experiências físicas, psicológicas e sociais de cada um de nós. Por essa razão, a pessoa com diabetes tem a seu cargo o exigente exercício diário de procurar este equi-

líbrio, cuidando em ter um bom controlo da doença, uma boa integração da terapêutica no seu quotidiano familiar, social e laboral, assim como cuidar e assumir que expressar emoções, pensamentos e dúvidas é uma atitude preventiva rela-

tivamente à manutenção da sua saúde mental.

Discutir a prevenção, não retira importância à necessidade de intervenção em casos de doença mental ou alterações de humor pré-existentes. No entanto, estas são situações que exigem análise e intervenção personalizada, pelo que, sugerimos que devem ser abordadas com a respetiva equipa de saúde, uma vez que o desconforto psicológico poderá refletir-se no próprio controlo da diabetes.

Tratando-se de uma doença com uma gestão diária bastante complexa, marcada por um tratamento exigente que requer atenção e tempo, tem forte probabilidade de se apresentar, na vida da pessoa, como algo pesado. A noção de “peso” é tão subjetiva quanto a variabilidade entre cada indivíduo que vive

diariamente com esta doença.

O impacto físico, a sintomatologia inerente, o tratamento, a representação mental e o impacto familiar, social e laboral, condicionam a aceitação psicológica da mesma.

Pelo descrito, é perfeitamente adequado aceitar, mas, ao mesmo tempo, sentir-se triste, zangado ou até negar esta realidade. Estes sentimentos fazem parte da adaptação Psicológica a esta nova condição, o “ter diabetes” ou “ser diabético”, como muitas pessoas dizem, demonstrando que a sentem quase como uma característica identitária. Importa, no entanto, considerar que este “desconforto Psicológico” é também necessário para agir, por forma a enfrentar as exigências e fazer o caminho até à aceitação e “tranquila” convivência.

Este processo (ou caminho) é também condicionado pela família. Dentro deste conjunto de pessoas, cada uma tem a sua própria representação mental do que é a doença, da gravidade, consequências, etc..., daí ser tão importante falar abertamente, discutir sentimentos, ideias, medos, duvidas e certezas. A comunicação sempre foi a melhor forma de desmistificar e de abrir caminho à clarificação de informação, por vezes errada e que apenas contribui para o mal-estar e geral e possibilidade de influenciar a Saúde Mental da pessoa que tem a doença. No entanto, a família é um microssistema bastante complexo, mas com uma incrível capacidade de autoregulação e gestão de conflitos, condição fundamental para a manutenção do Bem-Estar da pessoa com doença.



Ana Lúcia Covinhas
Coordenadora do Departamento de Psicologia da
apdp-diabetes portugal



| PELA LENTE DE
Paulo Calafate









Paulo Calafate, homem sereno de poucas falas, fotógrafo autodidata, com uma ponta de timidez, que a objectiva da sua máquina fotográfica sabe desinibir, e lhe permite partilhar connosco, aquilo que a sua sensibilidade cativa. Faz-nos viajar aquém e além-fronteiras.

Pertence, a meu ver, a um enorme leque de fotógrafos de excelência de que Portugal se pode e deve orgulhar, autodidatas ou não.

Paulo Calafate capta paisagens, pessoas, perspectivas de toda a ordem, formas, cores quentes e frias, nas quatro estações do ano, coisas desordenadas e ou geométricas.

As suas fotografias são aquilo que ele não diz, mas que desenha e até pinta à sua maneira, registando para a posteridade o invés das palavras, porque essas são como as borboletas: voláteis e efémeras (...)! Tripeiro de gema, cidade da Faina, hoje vive na Póvoa de Varzim, nobre terra de Artistas, de pesca e do Ala Arribaaa!...

Em suma, um nortenho que viaja mundo fora e regressa com ele encerrado na sua máquina, sem jamais perder o norte!...

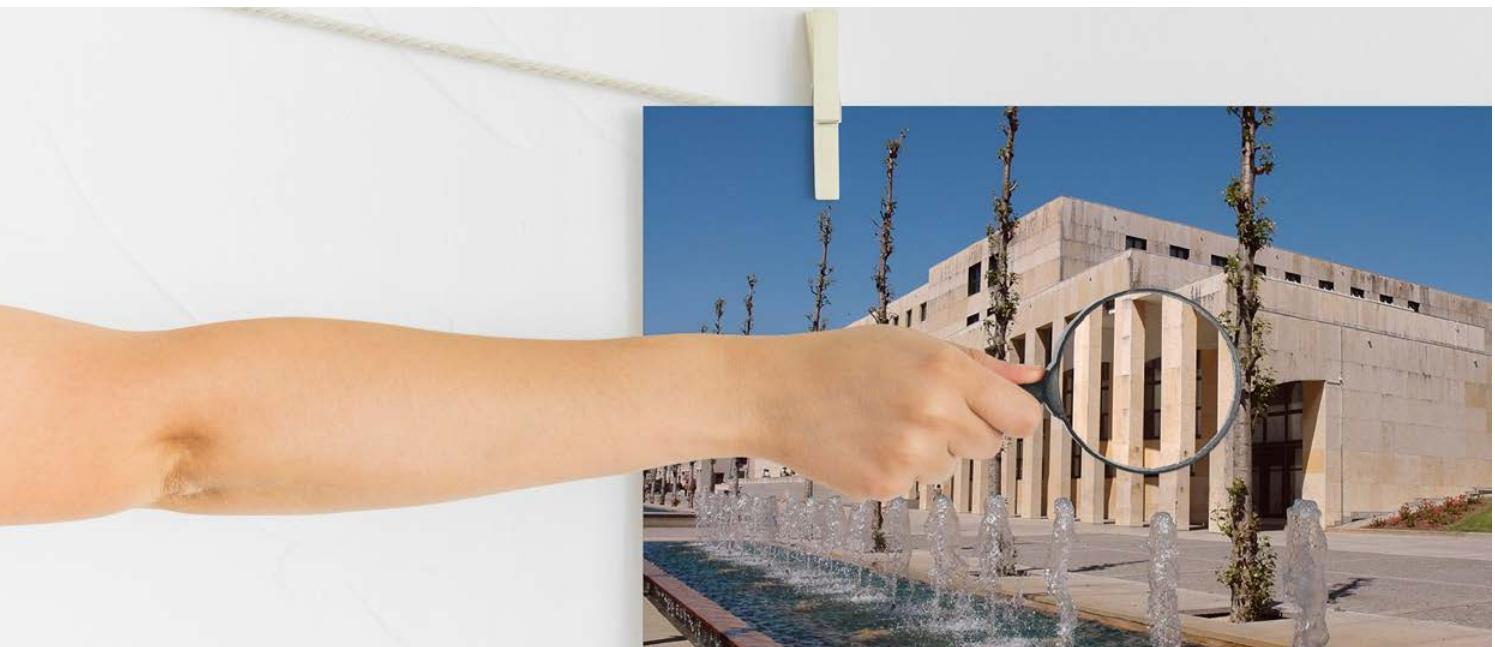
Leocádia Pereira Dias
Diretora Geral AILD/França,
apaixonada pela fotografia

A autora não aderiu ao novo acordo ortográfico

| C O M L U P A : C Á D E N T R O

Matosinhos I Parte

Terra de Horizonte e Mar



Onde se situa?

Pertencente ao distrito do Porto, o concelho de Matosinhos é limitado a norte por Vila do Conde, a nordeste pela Maia, a sul pelo Porto e a oeste pelo Oceano Atlântico. Dele fazem parte a União das Freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões; a União das Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira; a União das Freguesias de Perafita, Lávra e Santa Cruz do Bispo e a União das Freguesias de São Mamede de Infesta e Senhora da Hora. No que concerne ao aspeto geomorfológico do território, Matosinhos repousa sobre um extenso maciço granítico, que, a partir das serras de Valongo (Serra de Pias) e Gondomar (Serra de Santa Justa), se desenvolve até à orla do oceano Atlântico, para

norte e sul do rio Douro. Atualmente encontra-se marcado, fundamentalmente, pelos setores secundário e terciário, embora a atividade piscatória assuma um papel fulcral em todo o concelho, pela vocação marítima típica e tradicional que Matosinhos apresenta.

Roteiro

Com a chegada do calor e a abertura da época balnear começar a sua visita na praia parece a opção acertada! E para sua sorte, o concelho brinda-o com 13 praias com Galar-dão Bandeira Azul e 9 praias com a bandeira “Praia com Qualidade de Ouro”. Se é um amante de surf e bodyboard recomendamos a Praia de Leça da Palmeira, já que esta é altamente procurada pelos praticantes de desportos



aquáticos, contando inclusivamente com diversos eventos e provas de renome. Está com o seu grupo de amigos ou família e quer jogar voleibol ou futebol de praia indicamos a Praia de Matosinhos com o seu extenso areal. Não podemos deixar de lhe aconselhar a visita à Praia de Angeiras, especialmente do Pier construído para o fornecimento de melhores condições de segurança e abrigo aos barcos na navegação de aproximação e partida para a pesca. Numa extensão de 488 metros pode literalmente caminhar sobre o mar, sentar-se e desfrutar do som das ondas a baterem nas rochas, ou, se for mais corajoso, ir até à extremida-

de onde se encontra o farolim. Mas, atenção, cuidado, se o mar estiver muito agitado é melhor deixar a coragem de lado, porque com o impacto das ondas e o próprio piso escorregadio torna-se perigosa a ida até ao farolim! Se preferir ficar a relaxar a ouvir a sua música preferida enquanto lê um bom livro e recarrega a sua vitamina D, a Praia de Agudela e a Praia de Pedras do Corgo vão proporcionar-lhe a calma e a tranquilidade que necessita, pela menor afluência de visitantes. Aconselhamos ainda a que traga um pára-vento, porque embora de manhã geralmente as praias estejam mais agradáveis, a verdade é que com a

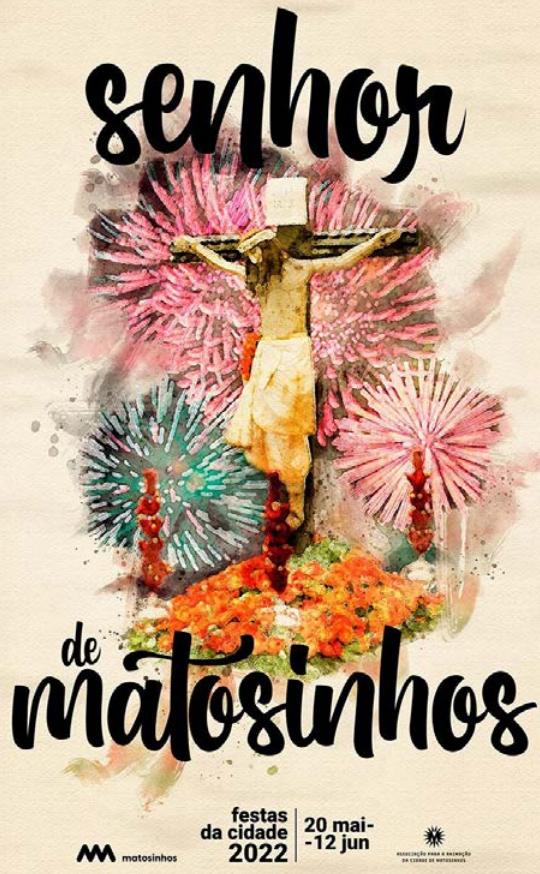
nortada não se deve arriscar, por isso venha preparado! Se trouxe marmitas para piquenique, então um almoço na praia já está perfeito, senão não se preocupe visto que as praias contam quase sempre com esplanadas, cafés ou restaurantes de enorme qualidade.

Sacuda as toalhas e aproveite para passear ou pelos passadiços ou pelas marginais. Vai encontrar bancos e até aparelhos de ginástica para desfrutar da incrível paisagem do litoral enquanto repousa ou queima as calorias do almoço. Dê agora um pequeno descanso à sua pele dos raios de sol, e visite o Cine-Teatro Constantino Nery. Construído por iniciativa de Emídio José Ló Ferreira, um homem simples e inteligente, em homenagem ao seu protetor em terras brasileiras, o Coronel António Constantino Nery, este edifício histórico situado no coração de Matosinhos, oferece-lhe uma programação diversificada para todo o público-alvo. Neste mês de junho em particular conta por exemplo com “Buá, Gugu e Teté” um teatro e oficina para

bebés dos 0 aos 5 anos a decorrerem nos dias 4 (às 16h30) e 5 (às 11h00) e o concerto da cantora Ana Bacalhau que nos traz no dia 17 às 22h00 o seu tão aguardado segundo álbum “Além da Curta Imaginação”. Outra construção da autoria do próprio que merece ser visitada é o Palacete Visconde de Trevões no qual se encontra instalado o Museu da Memória de Matosinhos. Sem dúvida que aqui vai conhecer profundamente o concelho já que a missão do museu passa pela valorização da história e do património de Matosinhos desde os seus primórdios até às actualidade, assim como das próprias memórias dos habitantes.

Dirija-se agora até à Casa do Design, que se “esconde” naquela que era a antiga garagem dos automóveis da autarquia. A 30 de junho de 2016 com a exposição “BURILADA | arte-factos para a sobrevivência” começou a era deste espaço que iria ao longo dos anos afirmar-se como uma referência do Design, quer nacional, quer internacional, em decurso da sua exposição, investigação, divulgação e





produção crítica de conhecimento. De momento testemunhará “PORTUGAL POP. A Moda em Português 1970-2020”. Trata-se de uma viagem fascinante pela história da moda, focando os mais variados aspetos, tais como, as suas mudanças, os seus principais conceitos determinantes e as suas vivências pessoais. Além de toda essa reflexão crítica e análise cuidadosa da temática, pode ainda observar peças usadas por artistas como a Amália Rodrigues, as Doce, os Heróis do Mar, entre outros...

Já deve ter reparado que cá fora, na rua à sua volta, tudo está iluminado e reina uma certa algazarra. É que veio visitar Matosinhos na altura perfeita do ano, já que se celebra o incomparável “Senhor de Matosinhos”. Esta festa sem qualquer custo de entrada, dura cerca de três semanas, começando no

dia 20 de maio e permanecendo até ao dia 12 de junho. Aqui pode encontrar carrosséis, tendas com artigos de artesanato, bijuterias, pedras naturais, louças e especialmente comidas e bebidas. Por isso, não se preocupe com o jantar, que ao longo das tendas vai encontrar ofertas regionais deliciosas! De todas as festividades que o Senhor de Matosinhos traz consigo, destacamos aqui o concerto do artista David Carreira, a 3 de junho; o fantástico fogo de artifício, a 4 de junho (um dos maiores espetáculos pirotécnicos do país); a procissão, a 6 de junho e a missa solene do Bom Jesus de Matosinhos presidida pelo Bispo do Porto Manuel Linda, a 7 de junho.

Para descansar para o próximo dia de visitas ao concelho propomos o MyStay Matosinhos Centro e o Urban Hotel Amadeos.



Fatinha Pinheiro
Geógrafa

| C O M L U P A : L Á F O R A

Berlim II Parte

A cidade que procura virar a página



Muro de Berlim «Berliner Mauer»

Com o término da II Guerra Mundial, a cidade de Berlim permaneceu dividida em quatro setores de ocupação: Soviético, Americano, Inglês e Francês. O clima tenso entre aliados e comunistas crescia de dia para dia, ao ponto de resultar na divisão ideológica em duas repúblicas germânicas. Desta forma, em 1949, os sectores dos aliados passaram a configurar a RFA “República Federal Alemã” e o sector soviético tornou-se na RDA “República Democrática Alemã”. Durante este período de divisão, foram acordados um conjunto de 81 passagens entre as duas congêneres repúblicas, todavia em 1961, e mediante a situação económica que florescia a olhos vistos na RFA contrastando com a mi-

séria, fome e pobreza na antiga RDA, observou-se um êxodo enorme de população que procuravam melhores condições de vida. O regime soviético apercebendo-se da perda de população e ao melhor estilo ditatorial, em 12 Agosto de 1961 ergueu um muro provisório e encerrou quase todos os pontos de passagem. Nos dias subsequentes, foi iniciada a construção de um muro em alvenaria, esta construção viria a mostrar-se insuficiente para conter a migração, e já numa tentativa desesperada terá sido erguido um muro em betão, acompanhado de um fosso «Faixa da Morte» e diversos pontos de vigia patrulhados 24 horas por dia. A presença do muro e da linha é uma constante ao longo da cidade, sendo que foram conservados pequenos troços

deste. Estima-se que mais de 5mil pessoas perderam a vida nesta travessia, sendo que a última pessoa detida data de 5 Fevereiro de 1989. O dia de 9 Novembro de 1989 fica marcado nas vidas de todos residentes de Berlim como dia da unificação, que viria a resultar na queda do muro de Berlim. Uma das partes mais interessantes do Muro de Berlim é conhecida como «East Side Galery» na qual é possível aos visitantes percorrer os cerca de 1.3km de muro acompanhados de pinturas que retratam os diversos acontecimentos históricos.

Topografia do Terror

Nas imediações de um pedaço de muro que permaneceu intacto encontramos um Museu construído em 2017, conhecido como Topografia do Terror. Este museu ao ar-livre é gratuito e permite ao visitante consultar documentação associada aos horrores praticados pelos Nazis. Localiza-

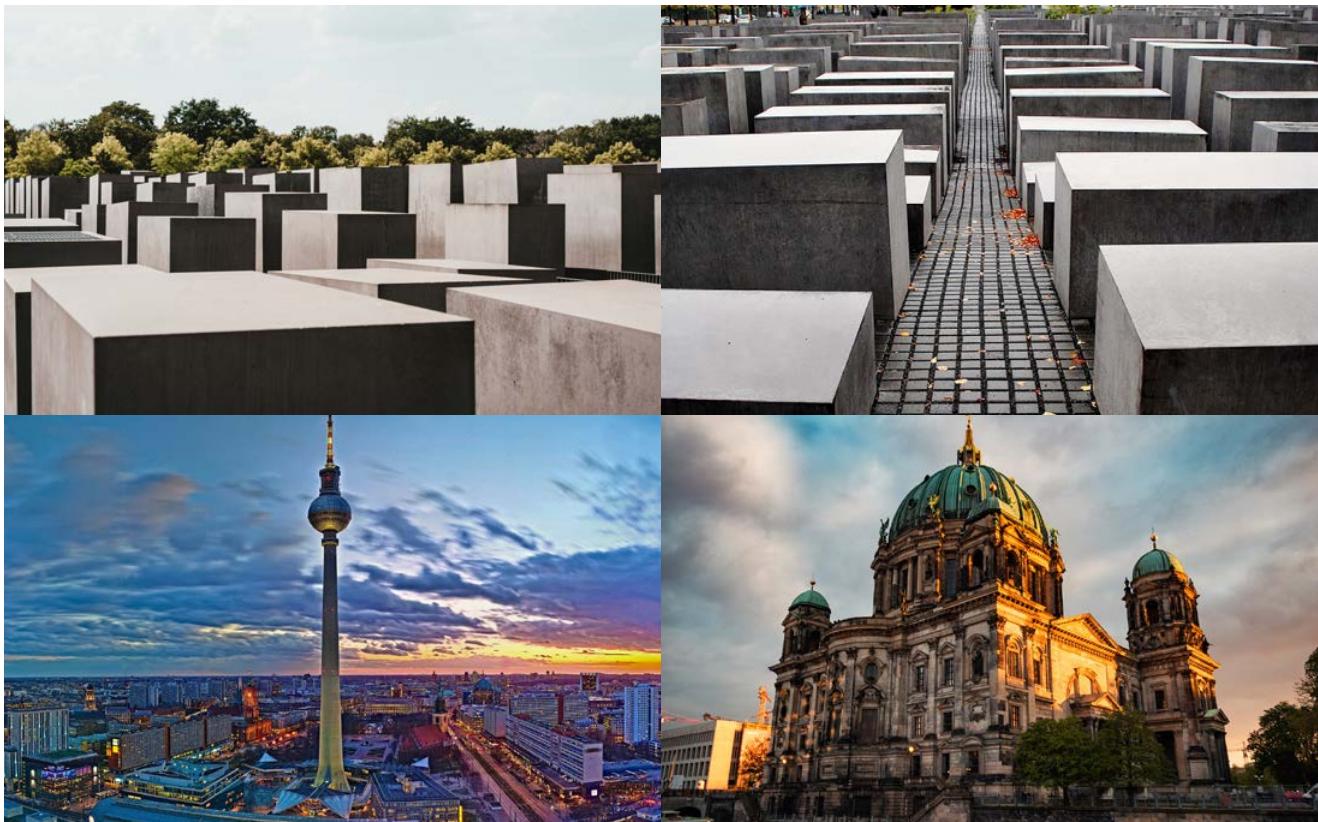
do num local singular, os atuais terrenos do museu foram ocupados pela sede da Polícia Secreta (Gestapo). No exterior do museu é ainda é possível observar escavações, que permitem visualizar celas e diversos compartimentos do quartel. Recordo que este local foi bombardeado pelas tropas aliadas ficando para trás pouco mais que ruínas num subsolo.

A Topografia do Terror é um local de interesse que deve ser visitado, nele é contado um capítulo triste da história recente, todavia o seu maior propósito é que o Holocausto nunca seja esquecido nem se repita.

Check Point Charlie

Na proximidade de museu Topografia do Terror encontramos o denominado «Check Point Charlie», como o próprio nome indica trata-se de um ponto de passagem fronteiriça usado durante a guerra fria. Atualmente os visitantes pode-





rão visitar não só o ponto de controlo, mas também o museu adjacente, que de uma forma sucinta retrata dia-a-dia de um posto de controlo fronteiriço.

Neste local, ainda podemos observar figurantes devidamente vestidos com uniformes da época soviéticos/americanos assim como uma réplica do cartaz que durante anos advertia os cidadãos para a proeminente saída do sector americano. Aproveite este local para uma refeição, visto estar situado na proximidade de alguns bons restaurantes da cidade.

Monumento do Holocausto

Na vizinhança do Bundestag, podemos encontrar o Monumento do Holocausto de Berlim, que apesar de controverso, é sem sombra de dúvida uma preciosidade da arquitetura moderna. Caracterizada por 2711 blocos de betão, com diferentes alturas ao ar-livre, este monumento visa homenagear os Judeus assassinados na Europa retratando um dos episódios mais negativos da história da Humanidade.

No piso inferior, o visitante poderá visitar um centro de informação na qual são expostos nomes, anos de nascimento

das vítimas do Holocausto. Recentemente, envolto em alguma polémica nomeadamente desrespeito por parte dos visitantes, recomendo alguma contenção estamos num lugar que merece silêncio e reflexão

Torre de Televisão de Berlim «Berliner Fernsehturm»

Nas imediações da praça AlexanderPlatz, podemos observar a imponente Torre de Televisão de Berlim. Localizada na área mais comercial da cidade, a torre de TV foi construída numa perspetiva de demonstração de imponência por parte do regime Comunista. Atualmente, é a estrutura mais alta da Alemanha, sendo que no alto dos seus 368 metros poderá observar a melhor vista sobre a cidade. Atualmente desativada como Torre Televisiva é utilizada como Restaurante Giratório sobre a cidade, pelo que seja ousado e saboreie uma refeição com uma vista incrível.

Catedral de Berlim «Berliner Dom»

Construída em 1905, a Catedral de Berlim representa o maior edifício religioso da cidade. Erigida na proximidade do rio Spree, o destaque vai claramente para a cúpula em tons esverdeados e rematado a ouro. No interior da cate-



dral, o principal destaque vai para o altar num mármore verdadeiramente incrível. Recomendo uma visita a este monumento icónico e caso tenha tempo, visite a cúpula da Catedral, já que as vistas sobre o jardim Lustergarten e Ilha dos Museus é realmente estonteante.

Museu Pergamon

Sem sombra de dúvida uma das pérolas de Berlim, e atualmente classificado como Património Mundial da Unesco, estamos perante o museu mais visitado de Berlim. Este museu permite ao visitante abstração temporária, nele podemos contemplar uma impressionante coleção de Antiguidades, que remontam ao período Persa e Romano. A primeira sala do museu alberga a edificação mais impressionante, nomeadamente o Altar de Pergamon, cons-

truído há mais de 2000 anos, que terá sido desenterrado na acrópole da antiga cidade Grega de Pergamon. Percorrendo o museu, o visitante acede à sala dedicada ao Mercado Romano de Mileto construída em 1209 d.C.; esta sala foi construída com o contributo de diversos arqueólogos germânicos. A última sala, igualmente impressionante apresenta em tons de azul, e decorado a dourado, a Porta de Ishtar – Antiga Babilónia. Neste local, podem observar um dos maiores conjuntos arqueológicos de peças provenientes da Mesopotâmia, Síria e Anatólia.

O Museu Pergamon apesar do preço não ser convidativo, é sem dúvida um lugar completamente diferente fazendo dele um local de visita imprescindível.

Berlim a cidade que procura mudar a página.



João Costa
Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia



| **FALAR PORTUGUÊS**

Porque vemos tantos erros nas legendas? I Parte

Factores de qualidade da tradução

Todos nós gostamos de criticar as legendas que vemos na televisão ou no cinema. Seja em conversas com amigos, em críticas escritas, em fóruns de tradutores ou por esse Facebook fora, todos caímos na tentação do humor de tradução.

Nada contra. Os erros de tradução são divertidos (mesmo os nossos próprios erros de tradução). No entanto, se queremos

ser bons críticos de legendagem e saber um pouco mais daquilo de que estamos a falar, talvez seja bom olhar para tudo o que rodeia esta actividade, talvez a forma de tradução mais visível na nossa sociedade.

Esta informação é importante não só para os tradutores de audiovisuais. Afinal, a imagem que a profissão de tradutor

tem aos olhos de toda a gente deve muito àquilo que vemos na televisão todos os dias. Por isso, é importante saber enquadrar as nossas críticas ao trabalho de tradução audiovisual, sem alimentar mitos e erros de quem não sabe em que condições e com que constrangimentos se traduz para legenda.

Vejamos, então, que factores têm implicações na qualidade das legendas — e na percepção da qualidade das legendas. Talvez assim possamos melhorar a qualidade das nossas críticas.

O espaço para a tradução é limitado

Isto é óbvio, mas nem sempre nos lembramos deste facto: as personagens podem falar a 100 km/h, podem até atropelar-se — mas o tradutor só pode usar duas linhas, com um número limitado de caracteres, linhas essas que têm de ficar visíveis durante o tempo suficiente para que os espectadores as consigam ler confortavelmente e sem prejudicar demasiado a atenção ao resto da imagem. Este constrangimento é muito mais sério do que parece a quem nunca experimentou legendar uma série ou um filme.

Quais as implicações? Bem, o tradutor tem de seleccionar qual a informação a omitir e tem ainda de fazer um esforço de resumo. Por vezes, quando ouvimos qualquer coisa que não está na legenda, o problema não é a desatenção do tradutor (garanto-vos que ninguém presta mais atenção ao filme do que o tradutor que o está a traduzir), mas antes a absoluta falta de espaço. Claro que podemos ter ideias diferentes no que toca àquilo que devia ter sido suprimido ou à melhor forma de resumir o diálogo, mas é um facto da vida que tradutores diferentes chegam a soluções diferentes.

Os prazos são curtos

A maior parte dos tradutores/legendadores trabalha sob prazos muito apertados. Porquê? Essa discussão levar-nos-ia por caminhos demorados, que não cabem num artigo desta dimensão. A verdade é esta: por vezes é preciso traduzir e legendar um filme em um ou dois dias ou um episódio numa tarde. Não é possível explicar a quem nunca tentou o quanto apertados são estes prazos, mas, acreditem: há muito pouco tempo para deixar o trabalho tão bom como os tradutores, muitas vezes, querem. É uma tarefa onde, de facto, se pede





para trabalhar bem e depressa. (Para complicar mais as coisas, o resultado final está muito mais exposto do que as traduções doutras áreas.)

Lembrem-se ainda que a tradução e legendagem são dois processos separados — embora realizados, na maioria das vezes, pela mesma pessoa. O tradutor começa por criar as legendas, traduzindo a partir do filme (com ou sem acesso ao guião). Posteriormente, introduz as legendas no filme, usando software próprio para isso. Os prazos habituais seriam apertados para uma destas tarefas, quanto mais para as duas.

O original é falado, a tradução é escrita

Este é um constrangimento mais importante do que se pensa. A linguagem oral e a linguagem escrita obedecem a convenções muito diferentes. Palavras que todos usamos na oralidade são consideradas inapropriadas na escrita. Da mesma forma, há expressões que são comuns nos diálogos dos filmes que, uma vez passadas a escrito, adquirem uma agressividade muito distante do impacto do original. Além disso, somos muito mais tolerantes para frases deixadas a meio ou hesitações quando estamos a ouvir do que quando estamos a ler. O tradutor de audiovisuais tem de saber navegar estas diferenças, alterando o tom do diálogo de forma a ter um impacto semelhante ao original. Na prática, isto

significa a omissão de muito calão (ainda por cima, há pouco espaço...) e a reformulação de partes do diálogo. Alguns dos erros de que acusamos os tradutores têm origem nestas alterações que são, na realidade, sinal dum bom trabalho de legendagem.

O tradutor tem de seguir as instruções dos clientes. Continuando no exemplo do calão, há filmes que são legendados tendo em conta determinadas instruções do cliente no sentido de eliminar calão, para que o filme tenha uma classificação adequada para a hora ou contexto em que vai ser exibido. Nem tudo está nas mãos do tradutor.

As legendas nem sempre são revistas

Quase todas as traduções são revistas — ou deviam sê-lo. Ora, no caso da legendagem, é muito habitual vermos legendas na televisão que nunca passaram por outros olhos que não fossem os do próprio tradutor. Nem o melhor tradutor consegue evitar erros graves uma vez por outra (quem julga que está imune a erros estará, certamente, desatento). Qualquer tradutor, mesmo quando revê a sua própria tradução de forma cuidada, deixa passar frequentemente qualquer coisa que outra pessoa conseguiria apanhar porque está a ver com novos olhos. Assim, a revisão devia ser parte obrigatória do processo de tradução para legendagem.



Há outras áreas da tradução mais bem pagas

Dir-me-ão algumas pessoas que este não devia ser um factor a ter em conta na análise da qualidade das traduções. Se aceitou um trabalho, um tradutor deve dar sempre o seu melhor. Se as condições não forem aceitáveis — bem, não devem ser aceites e ponto final. Ora, mesmo que isto seja assim e possamos ignorar a pressão que qualquer profissional independente sente para aceitar todos os trabalhos que puder mesmo quando não tem as condições adequadas para tal, há que explicar isto: se a legendagem for mais mal paga que outras áreas da tradução, os tradutores desta área tenderão a mudar-se para outras paisagens mais apetecíveis quando começam a ganhar mais experiência. A legendagem ficará entregue a profissionais

com menos experiência ou que apostam em preços baixos para arranjar trabalho. Não posso afirmar com segurança que isto seja assim e há indícios que, a ser verdade, só o será de forma parcial — afinal, todos conhecemos excelentes profissionais nesta área. Dito isto, não podemos negar que melhores preços atraem melhores profissionais. Tendo em conta o risco social que as más legendagens implicam, esta devia ser uma área com preços mais elevados do que áreas de tradução com menos impacto e com menos visibilidade. Não caberá aqui — como devem compreender — uma discussão sobre a forma de corrigir esta situação. Mas não deixa de ser um factor a ter em conta ao avaliarmos a qualidade das traduções que vemos na televisão.

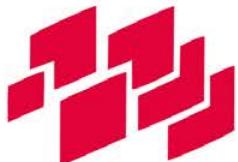


Marco Neves
Universidade Nova de Lisboa

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO



Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada



cisterdata
consulting

Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.

DIREITO FISCAL

Aquisições imobiliárias através de criptomoedas em portugal

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>

A existência de criptomoedas como meio de pagamento não é novidade em Portugal, contudo, a aquisição de imóveis com criptomoedas ganhou relevo recentemente.

A ausência de legislação específica para os ganhos resultantes de investimentos em criptomoedas mantém Portugal numa lista de países que não tributa, em regra, estes rendimentos, contribuindo para que muitos investidores estrangeiros mudem a sua residência para cá.

Assim, muitos investidores têm procurado perceber como se processa em Portugal a compra de imóveis com criptomoedas, desencadeando uma recente tomada de posição da Ordem dos Notários (ON) sobre esta questão.

Considerando a ausência normativa e um preceito legal que impeça a compra de imóveis com criptomoedas, a ON elaborou um regulamento interno que proporcionará aos notários orientações a adotar



no âmbito destas transações.

A referida regulamentação prevê que as aquisições imobiliárias em cima referidas deverão assumir a forma de permutas devendo observar os seguintes procedimentos prévios de comunicação:

- a comunicação ao notário dos dados de identificação das partes, do preço e tipo de criptomoeda;
- a entrega de cópias dos registos das criptomoedas (desde a sua aquisição até à celebração da permuta) e das respetivas carteiras de armazenamento.

Estes dados terão de ser facultados até cinco dias antes da data prevista para a celebração da escritura de

permuta, pois, os notários deverão comunicá-los ao Departamento Central de Investigação e Ação Penal e à Unidade de Informação Financeira. Nas situações em que os negócios excedam o montante de € 200.000, os notários terão, também de comparar o valor das criptomoedas à data do contrato-promessa e o seu valor à data da escritura.

Note-se que no caso das aquisições imobiliárias com criptomoedas que sejam convertidas em moeda que goza de curso legal (Euros) na data da escritura, o procedimento continuará a ser idêntico ao da celebração de um contrato de compra e venda tradicional.

Não obstante a regulamentação sobre as criptomoedas por parte da ON, entendemos que o ideal seria consagrar um quadro legal específico para estas transações e assim promover uma maior segurança jurídica para as partes envolvidas, bem como um maior controlo ao branqueamento de capitais.



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

FISCAL

Blockchain

Muitos países procuram atrair grandes projetos de investimento, oferecendo uma série de vantagens e incentivos aos investidores, sendo que os mais comuns acabam por ser os fiscais.

Os países tomam estas medidas por reconhecerem que esses projetos podem dar um contributo valioso para a economia nacional, pelo alto valor acrescentado dos mesmos ou porque atraem novos conhecimentos, tecnologias ou novos clusters económicos. Ora, um grande projeto também pode surgir do contributo de muitos pequenos investidores, e por isso também estes devem merecer o mesmo tipo de atenção por parte dos países.

A tecnologia Blockchain é sem dúvida uma tecnologia que vai revolucionar a vida de uma maneira tal que muitos nem sonham.

Para os contabilistas é o graal da contabilidade, é um livro-razão compartilhado e imutável usado para registrar transações, rastrear ativos e aumentar a confiança. Permite registrar informação organizada de forma sequencial atribuindo aos registos uma data o que torna praticamente impossível alterá-los devido ao seu protocolo de segurança.



Muitos reduzem a tecnologia blockchain às criptomoedas, porém os campos de aplicação são muito mais vastos.

É uma tecnologia que está ao serviço da democracia e da liberdade, imaginem a história de um país escrito nesta tecnologia que tornaria impossível rescrevê-la por uma ditadura qualquer... Esta tecnologia tem aplicação a grande parte da vida em sociedade de uma comunidade.

Portugal tem todo o interesse em se tornar num centro mundial de desenvolvimento desta tecnologia, atraindo pessoas de todo mundo, altamente qualificadas, para cá desenvolverem este novo motor económico que permitirá que a nossa economia dar um salto brutal.

Estou em crer que esta nova indústria é bem maior que alguns dos grandes

projetos que receberam grandes ajudas do estado. Porque não alargar a atribuição de fortes incentivos a quem permite desenvolver esta tecnologia? No entanto, alguns reconhecem que se trata de uma nova galinha dos ovos de ouro que ainda mal começou a dar ovos e já querem esventrar, querendo taxar de qualquer maneira esta indústria e esquecendo que basta a galinha voar para outro país para que seja impossível taxar. Esta nossa tendência de em vez de atrair mais galinhas dos ovos de ouro, preferir esventrar logo o mal só nos prejudica... relembrmos o que aconteceu a Portugal quando expulsou os Judeus, foquem somente a vosso atenção no efeito desta expulsão no desenvolvimento do porto de Amsterdão, Londres e Manhattan.

A atitude tem que ser a oposta, devemos mostrar aos outros nómadas digitais que Portugal é o paraíso que buscam há muito tempo, e que tudo estamos a fazer para melhorar este paraíso, como por exemplo ligar Portugal ao extremo de África e às Américas, graças a um cabo submarino de dados, tornando Portugal num conector centralizado privilegiado de dados.

O digital é o novo petróleo do futuro.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Quando falham certos detalhes tudo se torna inútil.

info@amostradeletras.pt

AM
amostra de letras
COMUNICAÇÃO



WWW.EIMIGRANTE.PT

A large, semi-transparent white triangle is positioned in the center of the image, containing the main text. The background shows a dramatic coastline with dark, craggy cliffs on the left and a turquoise-blue ocean with white-capped waves on the right.

VIVA OS SEUS
SONHOS
VIVA EM
PORTUGAL

 +351 217 960 436

 GERAL@EIMIGRANTE.PT

 @EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO